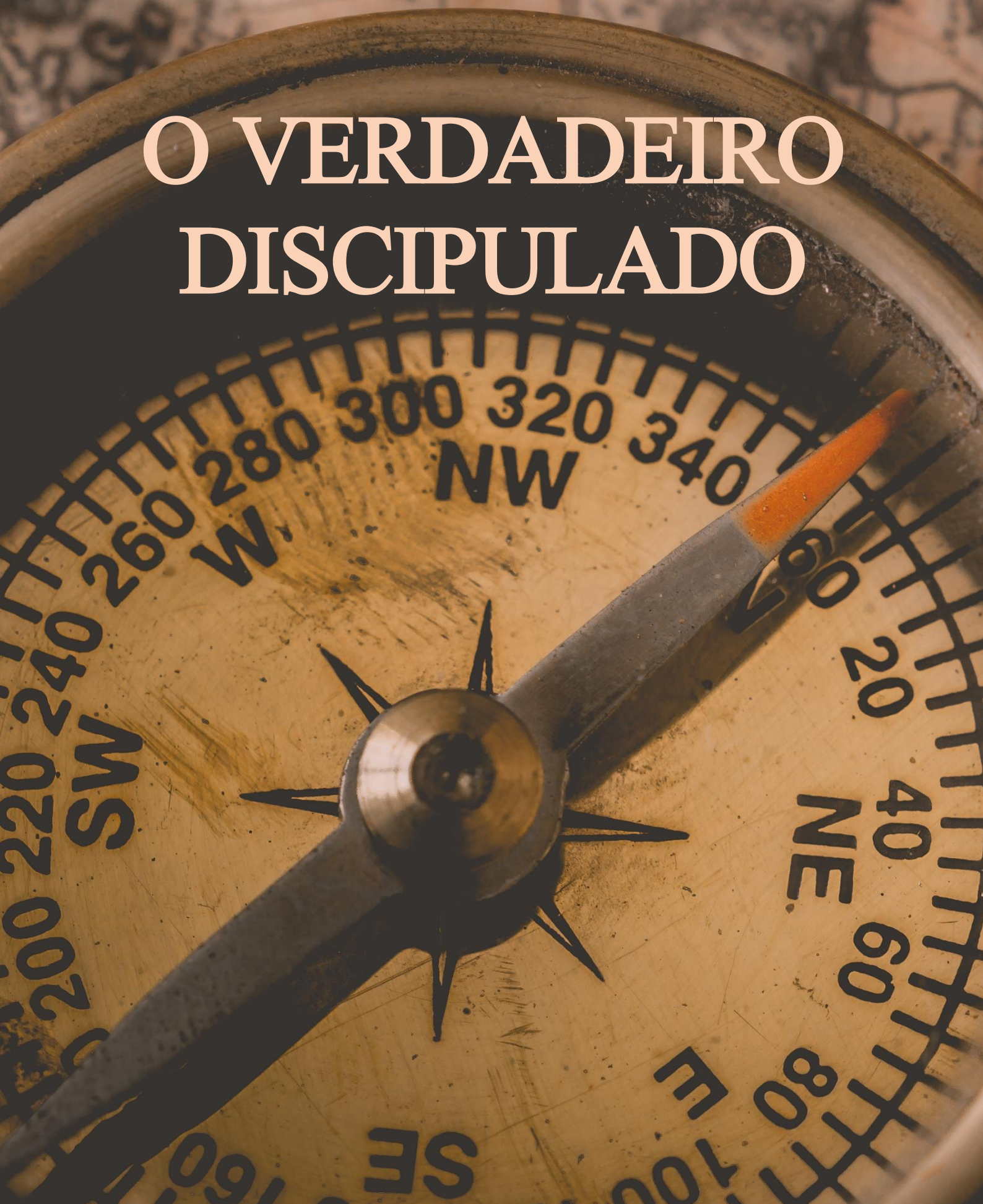


O VERDADEIRO DISCIPULADO



O VERDADEIRO DISCIPULADO

Texto adaptado com base no original de Willian MacDonald:
MACDONALD, William. *True Discipleship*, 1963.
Não permitido o uso com fins comerciais/lucrativos.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
INTRODUÇÃO.....	2
OS TERMOS DO DISCIPULADO	3
TUDO ABANDONANDO	7
OBSTÁCULOS AO DISCIPULADO	12
OS DISCÍPULOS SÃO MORDOMOS	16
ZELO	19
FÉ.....	23
ORAÇÃO	26
GUERRA.....	31
DOMÍNIO DO MUNDO	35
O DISCIPULADO E O CASAMENTO	40
CALCULANDO O PREÇO	43
A SOMBRA DO MARTÍRIO	46
AS RECOMPENSAS DO VERDADEIRO DISCIPULADO.....	48

PREFÁCIO

Este livro é uma tentativa de expor alguns princípios do discipulado presentes no Novo Testamento. Alguns, ao longo de anos, viram estes princípios na Palavra, mas de alguma forma concluíram que eram extremos e nada práticos para a complicada era em que vivemos. Foi assim que nos rendemos à frieza do nosso ambiente espiritual.

Reunimos, então, um grupo de jovens crentes dispostos a demonstrar que os termos do discipulado usados pelo Salvador não apenas são práticos, mas são também os únicos que sempre haverão de dar bom resultado na evangelização do mundo.

Creditamos a esses jovens o fornecimento de exemplos vivos de muitas verdades aqui expostas.

Quanto àquelas verdades que ainda estão além da nossa experiência pessoal, nós expomo-las como aspirações do nosso coração.

– *William MacDonald*

INTRODUÇÃO

O caminho do verdadeiro discipulado começa quando uma pessoa nasce de novo. Começa quando alguém:

1. Compreende que é pecador, que está perdido, e permanentemente desnudo diante de Deus;
2. Reconhece que não pode salvar-se por ter bom caráter ou pelas boas obras;
3. Crê que o Senhor Jesus Cristo morreu como seu substituto na cruz;
4. Por uma definida decisão de fé, reconhece Jesus Cristo como o seu único Senhor e Salvador.

É assim que alguém se torna cristão. É importante salientar isto de início. Muitíssimas pessoas acham que se tornam cristãos vivendo a vida cristã. Absolutamente NÃO! Primeiro é preciso tornar-se cristão, antes de poder viver a vida cristã.

A vida do discipulado esboçada nas páginas subsequentes é de natureza sobrenatural. Não temos em nós o poder para vivê-la. Precisamos do poder divino. Somente quando nascemos de novo recebemos forças para viver como Jesus ensinou. Antes de continuar a ler, faça a si próprio a pergunta: “Eu nasci de novo? Tornei-me filho de Deus pela fé no Senhor Jesus?”

Se a resposta for não, receba-o agora como Senhor e Salvador. E, em seguida, determine-se a obedecê-lo em tudo que ele ordenou, seja qual for o preço.

– *William MacDonald*

OS TERMOS DO DISCIPULADO

O verdadeiro Cristianismo é um compromisso total com o Senhor Jesus Cristo. O Salvador não está à procura de homens e mulheres que lhe deem escassas noites, fins-de-semana ou os anos da reforma. Antes, procura os que hão de lhe dar o primeiro lugar nas suas vidas.

“Procura hoje, como sempre o fez, não multidões que sigam as suas pegadas sem objetivo, só porque se deixam levar pela corrente, mas procura individualmente homens e mulheres cuja imorredoura adesão provém do facto de reconhecerem que ele quer para si aqueles que estão prontos para seguir o caminho da renúncia que ele trilhou antes deles” (H. A. Evans Hopkins).

Nada menos que a submissão incondicional poderia ser uma resposta adequada ao seu sacrifício no Calvário. Tão admirável e divino amor jamais poderia satisfazer-se com menos do que nossas almas, vidas e todo o nosso ser.

O Senhor Jesus fez severas exigências aos que seriam seus discípulos – exigências que são praticamente esquecidas nestes dias de vida luxuriosa. Com muita frequência vemos o Cristianismo como fuga ao inferno e garantia do céu. Além disso, achamos que temos direito de gozar do melhor que esta vida tem para oferecer. Sabemos que estão na Bíblia aqueles contundentes versículos sobre o discipulado, mas temos dificuldade em conciliá-los com as nossas ideias sobre o que deve ser o Cristianismo.

Podemos aceitar o facto de que os soldados dão a vida por razões patrióticas. Não achamos estranho que os comunistas deem a vida por razões políticas. Mas a ideia de que “sangue, suor e lágrimas” devam caracterizar a vida do seguidor de Cristo, de alguma forma parece distante e difícil de captar.

Contudo, as palavras do Senhor Jesus são bastante claras. Dificilmente haverá lugar para entendê-las mal, se as aceitarmos segundo o seu valor real. Aqui vão os termos do discipulado, estabelecidos pelo Salvador do mundo:

1. Supremo amor por Jesus Cristo

“Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:26).

Não significa que devemos alguma vez ter no coração animosidade ou má vontade para com os nossos parentes, mas, sim, que o nosso amor a Cristo deve ser tão grande, que todos os outros amores são como ódio, em comparação. De facto, a frase mais difícil desta passagem é a expressão: “e ainda a sua própria vida”. O amor-próprio é um dos mais obstinados estorvos ao discipulado. Enquanto não estivermos dispostos a entregar a nossa própria vida por Cristo, não estaremos no ponto em que ele quer que estejamos.

2. Abnegação

“Se alguém quer vir após mim, *a si mesmo se negue* (...)” (Mateus 16:24).

‘Abnegação’ – a negação de si mesmo – não é o mesmo que ‘renúncia’. A última significa abster-se de alimentos, prazeres ou posses. Mas negar-se a si mesmo significa tão completa submissão ao senhorio de Cristo que o *ego* não tem nenhum direito ou autoridade. Significa que o ‘eu’ abdica do trono.

Isto vem expresso nas palavras de Henry Martyn: “Senhor, não permitas que eu tenha nenhuma vontade que seja propriamente minha, ou que considere a minha verdadeira felicidade como dependente, no mínimo grau, de qualquer coisa que me sobrevenha exteriormente, mas como consistindo inteiramente da conformação com a tua vontade”.

Meu Vencedor glorioso, Príncipe divino

Segura nas tuas mãos as minhas mãos submissas

Servas felizes do trono do Salvador

Que, afinal, o meu querer seja teu inteiramente (H. G. C. Moule)

3. Deliberada escolha da cruz

“Se alguém quer vir após mim, *a si mesmo se negue, tome a sua cruz* (...)” (Mateus 16:24).

A cruz não é alguma fraqueza física ou angústia mental; estas coisas são comuns a todos os homens. A cruz é um caminho escolhido deliberadamente. É “um caminho que, segundo o curso deste mundo, é alvo de desonra e crítica” (C. A. Coates). A cruz simboliza a vergonha, a perseguição e os ultrajes que o mundo acumulou sobre o Filho de Deus, e acumulará sobre todos aqueles que se levantarem contra a corrente. Todo o crente pode evitar a cruz, simplesmente conformando-se com o mundo e seus caminhos.

4. Vida que se passa seguindo a Cristo

“Se alguém quer vir após mim, *a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me*” (Mateus 16:24). Para compreender o que isto significa, basta que a pessoa pergunte a si própria: “o que caracterizava a vida do Senhor Jesus?” Foi uma vida de obediência à vontade de Deus. Foi uma vida vivida no poder do Espírito Santo. Foi uma vida de altruístico serviço em favor dos outros. Foi uma vida de paciência e resignação dinâmica face aos mais graves males. Foi uma vida de zelo, de desprendimento, de domínio próprio, de mansidão, de bondade, de fidelidade e de devoção (vd. Gálatas 5:22, 23). Para sermos seus discípulos, temos de andar como ele andou. Temos de mostrar o fruto de nossa semelhança com Cristo (vd. João 15:8).

5. Fervente amor por todos os que pertencem a Cristo

“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35).

Este é o amor que leva o crente a considerar os outros melhores do que ele próprio. É o amor que cobre uma multidão de pecados. É o amor que sofre muito sem deixar

de ser amável. Não se orgulha, nem se ensoberbece, não se conduz de modo inconveniente, não procura os seus interesses, não se irrita facilmente, não maquina o mal (vd. I Coríntios 13:4-7). Sem este amor, o discipulado seria um ascetismo frio e legalista.

6. Perseverança na sua Palavra, sem desvios

“Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos” (João 8:31).

Para o real discipulado é preciso haver perseverança. É fácil começar bem, irromper num resplendor de glória. Mas o teste da realidade é a perseverança até o fim. Quem quer que olhe para trás, depois de pôr as mãos no arado, não é apto para o reino de Deus (vd. Lucas 9:62). Para as Escrituras, a obediência espasmódica não funciona. Cristo quer para si os que o sigam com obediência constante, sem vacilar.

*Livra-me de retroceder
O meu arado de lágrimas se molha
Enferruja-se a lâmina mas, contudo
Meu Deus! Meu Deus!
Livra-me de retroceder* (Autor Desconhecido)

7. Abandono de tudo para segui-lo

“Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33).

De todos os termos de Cristo para o discipulado, talvez o menos popular seja este; talvez este versículo seja mesmo o mais impopular da Bíblia. Talentosos teólogos podem dar-lhe mil razões pelas quais este versículo não pretende dizer o que diz, mas os discípulos simples o sorvem avidamente, na certeza de que o Senhor Jesus sabia o que estava a dizer.

O que quer dizer abandonar tudo? Quer dizer renúncia a todas as posses materiais que não são absolutamente essenciais, e que poderiam ser empregadas na propagação do evangelho. O homem que abandona tudo não se torna um preguiçoso miserável; trabalha arduamente para prover às necessidades normais da sua família e dele próprio. Mas, uma vez que a paixão da sua vida é levar adiante a causa de Cristo, investe na obra do Senhor tudo que excede às necessidades rotineiras, e deixa o futuro com Deus. Procurando primeiro o reino de Deus e a sua justiça, crê que nunca lhe faltarão alimento e vestes. Não pode, em sã consciência, apegar-se a recursos excedentes enquanto almas estão a perecer por falta do evangelho. Ele não quer desperdiçar a vida acumulando riquezas que cairão nas mãos do diabo quando Cristo voltar para os seus santos. Quer obedecer à ordem do Senhor contra armazenar tesouros na terra. Abandonando tudo, oferece o que não pode guardar de qualquer forma, e que ele deixou de amar.

São estes, pois, os sete termos do discipulado cristão. São claros e inequívocos. O escritor dá-se conta de que, no ato de expô-los, condenou-se a si mesmo como servo

inútil. Mas a verdade de Deus será suprimida para sempre devido às falhas do povo de Deus? Não é verdade que a mensagem é sempre maior do que o mensageiro? Não é Deus verdadeiro e todo o homem, mentiroso? Não deveríamos dizer com uma antiga sumidade: “a tua vontade será feita, ainda que para a minha ruína”?

Confessando os nossos fracassos, encaremos corajosamente as pretensões de Cristo a nosso respeito e procuremos daí por diante ser verdadeiros discípulos do nosso glorioso Senhor.

*Mestre e Senhor meu, leva-me à tua porta
Mais uma vez fere este ouvido ora disposto
Os teus laços liberdade são; deixa-me estar
Contigo para agir, sofrer e obedecer* (H. G. C. Moule)

TUDO ABANDONANDO

“Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33).

Para ser discípulo do Senhor Jesus é preciso abandonar tudo. Este é o inconfundível significado das palavras do Salvador. Não importa o quanto possamos objetar a uma exigência tão “extrema”, não importa o quanto possamos rebelar-nos contra uma política “impossível” e “imprudente” como esta – permanece o facto de que esta é a Palavra do Senhor, e ele pretende dizer o que diz.

De início, devemos encarar estas verdades inexoráveis:

1. Jesus não fez esta exigência a uma certa classe específica de obreiros cristãos. Disse: “todo aquele que dentre vós”
2. Não disse que devemos estar simplesmente *desejosos* de abandonar tudo. Disse: “todo aquele que de dentre vós *não renuncia*”
3. Não disse que devemos renunciar apenas a uma *parte* da nossa riqueza. Disse: “todo aquele que dentre vós não renuncia a *tudo* quanto tem”
4. Não disse que uma forma diluída de discipulado seria possível ao homem que é apegado aos seus tesouros. Disse Jesus: “*não pode* ser meu discípulo”

Na verdade não deveríamos surpreender-nos com esta exigência absoluta, como se fosse a única indicação deste tipo na Bíblia. Temos vários exemplos:

1. Disse Jesus: “Não acumulei para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu (...)” (Mateus 6:19,20).
Como Wesley acertadamente disse: “Juntar tesouros na terra é tão claramente proibido por nosso Senhor como o adultério e o homicídio”.
2. Disse Jesus: “Vendei os vossos bens e dai esmola (...)” (Lucas 12:33).
3. Jesus instruiu ao governante jovem e rico: “(...) vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem, e segue-me” (Lucas 18:22). Se ele não queria dizer exatamente o que disse, que quis dizer então?
4. Quanto aos crentes da igreja primitiva, não é verdade que “vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (Atos 2:45)?

E não tem sido verdade quanto a muitos santos de Deus através dos anos, que literalmente renunciaram a tudo para seguir Jesus?

Anthony Norris Groves e a sua esposa, primeiros missionários em Bagdad, convenceram-se de que “deviam parar de juntar tesouros na terra, e de que deviam dedicar toda a sua muito substancial renda (...) ao serviço do Senhor”.¹ As convicções

¹ *Men of His Right Hand*. The Witness Magazine. S.I., Janeiro 1961.

de Groves sobre este assunto estão expostas no seu opúsculo, *Christian Devotedness*.²

C. T. Studd “decidiu-se a dar toda a sua fortuna a Cristo, aproveitando a oportunidade de ouro que lhe foi dada de fazer o que o jovem rico tinha deixado de fazer (...). Foi simples obediência às claras afirmações da Palavra de Deus”.³ Depois de distribuir milhares de dólares para a obra do Senhor, reservou o equivalente a cerca de 9 mil dólares para a sua esposa, por ocasião do casamento. Ela, porém, não queria ficar atrás do marido:

– “Charlie,” perguntou ela, “o que é que o Senhor mandou o jovem rico fazer?”

– “Vender tudo”, respondeu ele.

– “Pois então, começemos bem com o Senhor, já no nosso casamento”. E lá se foi o dinheiro para missões cristãs.

O mesmo espírito de dedicação animava Jim Elliot. Ele escreveu no seu diário: “Pai, permite que eu seja fraco para que perca o meu apego a tudo o que é temporal: a minha vida, a minha reputação, as minhas posses; Senhor, faz-me afrouxar a tensão das mãos que as agarram essas coisas. (...) Em vez disso, abre a minha mão, como a de Cristo, para receber o cravo do Calvário – para que eu, libertando tudo, fique liberto, desatrelado de tudo aquilo que agora me prende. Cristo considerava o céu, sim, a igualdade com Deus, como algo ao qual não se agarrar. Assim, faz-me soltar a minha garra”.⁴

Os nossos corações infiéis dizem-nos que seria impossível tomar de forma literal as palavras do Senhor. Se renunciarmos a tudo, ficaremos na miséria. Afinal de contas, devemos fazer provisão para o nosso futuro e para o futuro dos nossos entes queridos. Se todos os cristãos renunciassem a tudo, quem financiaria a obra do Senhor? E se não existissem alguns cristãos ricos, como se poderia atingir com o Evangelho as pessoas de classe mais alta? E assim se despejam argumentos em rápida sucessão – todos para provar que o Senhor Jesus não podia ter pretendido dizer o que disse.

Nesta questão o facto é que a obediência à ordem do Senhor constitui a vida mais saudável e razoável – vida que produz a maior alegria. A Escritura e a experiência dão-nos testemunho de que ninguém que viva sacrificialmente por Cristo passará necessidades. Quando alguém obedece a Deus, o Senhor cuida.

O homem que renuncia a tudo para seguir a Cristo, não é um pobre miserável que espera que os seus irmãos em Cristo o sustentem:

1. É laborioso: trabalha diligentemente para suprir as suas necessidades comuns e as da sua família.
2. É sóbrio: vive tão de forma tão económica quanto possível, de modo que possa aplicar à obra do Senhor tudo o que vai além das suas necessidades imediatas.

² GROVES, Anthony. *Christian Devotedness*. Kansas: Walterick Publishers, 1975.

³ GRUBB, Norman. *C. T. Studd: Cricketer and Pioneer*. Cambridge: Lutterworth Press, 1957.

⁴ ELLIOT, Elizabeth. *Shadow of the Almighty*. New York: Harper and Brothers, 1958.

3. É providente: em vez de acumular riquezas na terra, junta no céu os seus tesouros.
4. Confia em Deus quanto ao futuro: em vez de dar o melhor da sua vida à formação de vastas reservas para segurança na velhice, dá o melhor que tem ao serviço de Cristo e confia nele quanto ao futuro. Crê que, se procurar primeiro o reino de Deus e a sua justiça, nunca terá falta de comida e roupa (Mateus 6:33).

Para ele é irracional acumular riqueza para um dia chuvoso, argumentando desta forma:

1. Como podemos, em sã consciência, entesourar recursos excedentes, quando o dinheiro poderia ser usado agora mesmo para a salvação de almas? “(...) Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” (I João 3:17). “Considere-se, ainda, o importante mandamento: ‘(...) amarás o teu próximo como a ti mesmo’ (Levítico 19:18). Como se pode dizer de nós, com alguma verdade, que amamos como a nós mesmos aquele próximo que deixamos passar fome, quando temos bastante para nós e para fazer beneficência? Não devo apelar para quem quer que tenha experimentado o gozo de conhecer o inefável dom de Deus, e perguntar: ‘trocaria este conhecimento (...) por uma centena de mundos?’ Portanto não retenhamos os meios pelos quais outros possam obter este conhecimento santificante e esta consolação celestial” (A. N. Groves).
2. Se realmente crermos que a vinda de Cristo é iminente, desejaremos pôr em uso imediatamente o nosso dinheiro. De outra forma, corremos o risco de vê-lo cair nas mãos do diabo – dinheiro que poderia ter sido usado para bênção eterna.
3. Como podemos, em sã consciência, orar ao Senhor rogando-lhe que providencie recursos para a obra cristã, quando nós mesmos temos dinheiro que não estamos a querer usar para esse fim? Renunciar a tudo por Cristo livra-nos da hipocrisia na oração.
4. Como podemos ensinar aos outros o desígnio de Deus, se existem áreas da verdade, como esta, em que deixamos de obedecer? Nesse caso, as nossas vidas selariam os nossos lábios.
5. Os homens inteligentes do mundo separam abundantes reservas para 2o futuro. Isto não é andar pela fé, mas pelo que se vê. O cristão é chamado para uma vida de dependência de Deus. Se ele junta tesouros na terra, em que difere do mundo e dos seus caminhos?

Ouve-se com frequência o argumento de que precisamos prover às futuras necessidades das nossas famílias; caso contrário, somos piores do que os descrentes. Os dois versículos seguintes são usados para apoiar essa ideia: “(...) não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais para os filhos” (II Coríntios 12:14).

“Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel” (I Timóteo 5:8).

Um cuidadoso estudo destes versículos mostrará que tratam das NECESSIDADES NORMAIS, e não das CONTINGÊNCIAS FUTURAS.

No primeiro versículo, Paulo emprega a ironia. Ele é o pai, e os coríntios são os seus filhos. Ele não os sobrecarregou financeiramente, embora tivesse todo o direito de agir como servo do Senhor. Além de tudo, era o seu pai na fé, e normalmente os pais provêm recursos para os filhos, não o contrário. Não é, de forma alguma, uma questão de os pais entesourarem para o futuro dos filhos. A passagem toda tem a ver com o suprimento das necessidades presentes de Paulo, não das suas possíveis necessidades futuras.

Em I Timóteo 5:8, o apóstolo está a comentar o cuidado das viúvas pobres. Insiste que os seus parentes têm a responsabilidade de cuidar delas. Se não houver parentes, ou se estes não cumprirem a sua responsabilidade, então a igreja local deverá cuidar das viúvas cristãs. Mas, novamente, aqui o assunto são as necessidades presentes, não futuras.

O ideal de Deus é que o Corpo de Cristo cuide das necessidades imediatas dos crentes:

“Mas, não digo isto para que os outros tenham alívio, e vós opressão, mas para igualdade; neste tempo presente, a vossa abundância supra a falta dos outros, para que também a sua abundância supra a vossa falta, e haja igualdade; como está escrito: O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve de menos” (II Coríntios 8:13-15).

O cristão que acha que deve prover às necessidades futuras enfrenta o difícil problema de saber quanto será suficiente. Então, passa a vida atrás de uma fortuna de alguma soma indefinida e perde o privilégio de dar o melhor de si ao Senhor Jesus Cristo. Chega ao fim de uma vida desperdiçada e descobre que todas as suas necessidades teriam sido supridas de qualquer modo, se ele tivesse vivido com total consagração ao Senhor.

Se todos os cristãos tomassem as palavras do Senhor Jesus literalmente, não haveria falta de recursos financeiros na obra do Senhor. O Evangelho propagar-se-ia com maior poder e com maior volume. Se algum discípulo em particular enfrentasse uma necessidade, os outros discípulos teriam o gozo e o privilégio de repartir o que tivessem.

A ideia de que é preciso haver cristãos ricos para alcançar os ricos do mundo é absurda. Paulo atingiu a casa de César enquanto era prisioneiro (Filipenses 4:22). Se obedecemos a Deus, podemos confiar em que ele fará o arranjo dos pormenores.

O exemplo do Senhor Jesus deveria ser conclusivo nesta questão. O servo não está acima do seu Senhor. “Não fica bem o servo procurar ser rico, grande e honrado neste mundo, uma vez que o seu Senhor foi pobre, simples e desprezado” (George Muller). “Os sofrimentos de Cristo incluíam pobreza (cf. II Coríntios 8:9). Certamente, a pobreza não precisa consistir em trapos e falta de higiene, mas envolve falta de reservas e dos meios suficientes para o luxo. (...) Há cerca de trinta anos atrás, (...) Andrew Murray demonstrou que o Senhor e os seus apóstolos não poderiam ter realizado a obra que lhes competia se não fossem realmente pobres. Quem vai erguer outro precisa descer, como o samaritano, e a infinita maioria da humanidade sempre tem sido e será pobre” (A. N. Groves).

Argumenta-se que existem certas possessões materiais que são necessárias para o dia-a-dia – isso é certo. Argumenta-se que os homens cristãos de negócios precisam ter uma certa soma de capital para levarem adiante algum negócio hoje em dia – isso é certo. Argumenta-se que há posses materiais, como um automóvel, que podem ser usadas para a glória de Deus – isso também é certo. Mas, além destas necessidades legítimas, o cristão deve viver frugal e sacrificialmente, com vista à propagação do Evangelho. O seu lema deve ser: “Trabalhe arduamente, consuma pouco, dê muito – tudo isso para Cristo” (A. N. Groves).

Cada um de nós é responsável diante de Deus quanto ao que significa renunciar a tudo. Um crente não pode legislar sobre outro; cada pessoa deve agir conforme o seu próprio exercício diante do Senhor. É uma questão tremendamente pessoal. Se, como resultado de tal exercício, o Senhor levar um crente a um grau de devoção até então desconhecido, não há lugar para orgulho pessoal. Quaisquer sacrifícios que façamos não são sacrifícios de modo nenhum, quando vistos à luz do Calvário. Além disso tudo, apenas damos ao Senhor o que não podemos mesmo guardar, e o que deixamos de amar: “Não é louco aquele que dá o que não pode guardar, para ganhar aquilo que não pode perder” (Jim Elliot).

OBSTÁCULOS AO DISCIPULADO

Todo aquele que começa a seguir a Cristo pode estar certo de que muitos fogem, seguindo por outros caminhos que surgem. Ser-lhe-ão dadas numerosas oportunidades para retroceder. Outras vozes o chamarão, oferecendo-se para cortar centímetros à cruz. Doze legiões de anjos estão prontas para tirá-lo da vereda da renúncia de si próprio e do sacrifício.

Há uma notável ilustração disto no relato dos três candidatos a discípulos que permitiram que outras vozes tivessem precedência à voz de Cristo:

“E aconteceu que, indo eles pelo caminho, lhe disse um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores. E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.

E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai. Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o reino de Deus.

Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa. E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus” (Lucas 9:57-62).

Três homens, cujos nomes não são mencionados, estiveram face a face com Jesus Cristo. Sentiram-se movidos por alguma compulsão interna a segui-lo. Mas permitiram que alguma coisa interferisse entre as suas almas e a completa dedicação a ele.

Precipitado

Chamemos o primeiro de “Precipitado”. Apresentou-se entusiasmado como voluntário para seguir o Senhor por toda a parte: “Seguir-te-ei para onde quer que fores”. Nenhum preço seria demasiado alto. Nenhuma cruz seria demasiado pesada. Nenhum caminho seria demasiado áspero.

A princípio a resposta do Salvador não parece ter ligação com o espontâneo oferecimento do “Precipitado”. Disse Jesus: “As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”. Na verdade, a resposta do Senhor foi muito apropriada. É como se dissesse: “Alegas que estás disposto a seguir-me por toda a parte, mas estás disposto a fazer isso sem as comodidades materiais da vida? As raposas têm mais comodidades deste mundo do que eu. As aves têm ninhos que podem dizer que lhes pertencem. Mas eu sou um peregrino sem lar no mundo que as minhas mãos fizeram. Estás pronto para sacrificar a segurança de um lar para seguir-me? Estás pronto para renunciar às legítimas comodidades da vida a fim de me servir devotadamente?”

Ao que parece, o homem não estava disposto a isso, porque não ouvimos falar mais dele nas Sagradas Escrituras. O seu amor pelas conveniências terrenas foi maior do que a sua dedicação a Cristo!

Moroso

Chamemos ao segundo o nome de “Moroso”. Não foi voluntário como o primeiro; em vez disso, o Senhor chamou-o para que fosse um seguidor. A sua resposta não foi uma recusa completa. Não é que estivesse inteiramente desinteressado no Senhor. Mas havia algo que ele queria fazer primeiro. Este foi o seu grande pecado. Colocou as reivindicações dele acima das de Cristo.

Note-se a sua resposta: “Deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai”. Ora, é perfeitamente legítimo que um filho mostre respeito natural pelos seus pais. E se um pai morre, certamente está dentro dos limites da fé cristã que o filho lhe dê um sepultamento decente.

Mas as legítimas cortesias da vida tornam-se positivamente pecaminosas quando tomam prioridade sobre os interesses do Senhor Jesus. A verdadeira ambição da vida deste homem é exposta pelo seu pedido nu e cru: “Senhor, deixa que *primeiro eu* (...)” As outras palavras que disse eram simples camuflagem para ocultar o seu subjacente desejo de colocar o seu “eu” em primeiro lugar.

Transparece que ele não percebeu que pedir permissão ao Senhor e colocar-se em primeiro lugar era um absurdo e uma impossibilidade moral. Se roga a permissão a Cristo, reconhecendo-o como Senhor, então Cristo é que tem de vir em primeiro lugar. Se o pronome pessoal “eu” – ou um equivalente – ocupa o trono, Cristo não está mais na direção.

“Moroso” tinha um trabalho para fazer, e deixou que esse trabalho ficasse com o primeiro lugar. Portanto, foi pertinente que Jesus lhe dissesse: “Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o reino de Deus”. Podemos parafrasear as suas palavras como se segue: “Há certas coisas que os espiritualmente mortos podem fazer tanto como os crentes. Mas há outras, que apenas o crente pode fazer. Vê que não passes a vida a fazer o que alguém que não é convertido poderia fazer igualmente bem. Deixa que os mortos espiritualmente enterrem os fisicamente mortos. Quanto a ti, porém – age como indispensável. Deixa que o impulso dominante da tua vida seja o de promover o progresso da minha causa na terra”.

Parece que o preço era alto demais para o “Moroso” pagar. Saiu do palco do tempo para entrar num anónimo silêncio.

Se o primeiro ilustra as comodidades materiais como um obstáculo ao discipulado, o segundo pode falar de um serviço ou ocupação tomando precedência sobre a principal razão da existência de um cristão. Não é que haja algo errado num emprego secular; a vontade de Deus é que o homem trabalhe para prover às suas necessidades e às da sua família. Mas a vida do verdadeiro discípulo exige que o reino de Deus e a sua justiça sejam procurados primeiro; que o crente não passe a vida a fazer o que o não regenerado pode fazer tão bem, se não melhor; e que a função de um trabalho seja

simplesmente prover às necessidades comuns, enquanto que a principal vocação do cristão é pregar o reino de Deus.

Tranquilo

O terceiro homem poderíamos chamar de “Tranquilo”. É semelhante ao primeiro no sentido em que também se apresentou voluntariamente para seguir o Senhor. Mas é semelhante ao segundo no uso que fez das palavras contraditórias: “Senhor, (...) mas deixa-me (...) primeiro (...)”. Ele disse: “*Senhor*, eu te seguirei, mas deixa-me despedir *primeiro* dos que estão em minha casa”.

Uma vez mais temos de admitir que, por si só, não havia nada de errado com esta solicitação. Não é contrário à lei de Deus mostrar interesse amoroso pelos parentes ou observar as regras da etiqueta ao deixá-los. Qual foi, pois, o ponto em que este homem falhou no teste? Este permitiu que os ternos laços naturais usurpassem o lugar de Cristo.

Assim foi que, com penetrante compreensão, o Senhor Jesus disse: “Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus”. Em outras palavras: “Os meus discípulos não são feitos de substância tão egocêntrica e maleável como a que exhibes. Quero como discípulos aqueles que estejam dispostos a renunciar aos laços familiares, que não se deixem levar por parentes sentimentais, que me ponham acima de todos os demais nas suas vidas”.

Somos forçados a concluir que o “Tranquilo” deixou Jesus e se foi embora tristemente. As suas mais que confiantes aspirações ao discipulado romperam-se nas rochas dos laços de afinidade familiar. Talvez fosse uma chorosa mãe: “Partirás o coração da tua mãe se me deixares para ir para o campo missionário”. Não sabemos. Tudo o que sabemos é que a Bíblia generosamente evita dar o nome deste fraco indivíduo que, voltando atrás, perdeu a maior oportunidade da sua vida, e ganhou o epitáfio de “inapto para o reino de Deus”.

Sumário

São estas, pois, as três formas primárias de extravio do verdadeiro discipulado, ilustradas pelos três homens que não estiveram dispostos a percorrer todo o caminho com o Senhor Jesus Cristo:

Precipitado – o amor pelas comodidades terrenas;

Moroso – a precedência de um emprego ou de uma ocupação;

Tranquilo – a prioridade dos ternos laços de família.

O Senhor Jesus ainda chama, como sempre chamou, homens e mulheres para segui-lo heroica e sacrificialmente. As rotas de fuga ainda se apresentam dizendo com palavras solícitas: “Poupa-te! Longe de ti tal coisa!” Poucos se dispõem a responder positivamente.

*Jesus, a minha cruz tomei
Deixei tudo para seguir-te
Pobre, só, nu e desprezado*

*Doravante és o meu tudo
Feneça toda a ambição
O que eu esperava ou buscava
Como estou rico, porém!
Deus e o céu são meus ainda*

*Despreze ou me deixe o mundo
Já o fez ao meu Salvador
Alma e olhar de homens me enganam
Tu não és infiel como eles
Se me sorris, Deus de amor
Saber e poder – que o amigo
Me logre e me odeie o inimigo
Mostra o teu rosto, e tudo esplende (H. F. Lyte)*

OS DISCÍPULOS SÃO MORDOMOS

NOTA: Ler Lucas 16:1-13.

Foi aos discípulos que a parábola do administrador infiel foi contada. Nela o Salvador expõe princípios que se aplicam aos discípulos de todas as épocas. Afinal, os discípulos de Cristo são essencialmente mordomos, incumbidos do cuidado da sua propriedade e dos seus interesses aqui na terra. A parábola está repleta de dificuldades. Parece recomendar a desonestidade e a fraude. Mas, entendida sob adequada luz, está carregada de instruções da maior importância.

A história em resumo é esta: um rico proprietário tinha contratado um empregado para tomar conta dos seus negócios. Com o passar do tempo, o patrão viu que esse empregado estava a dissipar o seu dinheiro. Imediatamente ordenou que se submetessem a uma auditoria os livros, e depois comunicou-lhe que ia colocar termo ao seu emprego.

O empregado percebeu que as suas perspectivas futuras eram sombrias. Ele era muito velho para trabalhar no duro trabalho físico, e tinha vergonha de pedir esmola. Assim, montou um esquema que lhe garantiria amigos para os dias vindouros. Foi a um dos devedores do seu patrão e perguntou: “Quanto deves ao meu patrão?” A resposta foi: “3000 litros de azeite”. “Bem,” disse o empregado, “pague metade e daremos a conta por liquidada”. Foi a outro devedor do patrão e perguntou: “Quanto estás a dever?” O freguês respondeu: “800 medidas de trigo”. “Certo; pois bem, pague 600 medidas, e consideraremos encerrada a conta”.

Ainda mais chocante do que a ação praticada pelo empregado desonesto, é o comentário que se lhe segue: “E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz” (Lucas 16:8).

Como devemos entender esta aparente aprovação de práticas comerciais desonestas? Uma coisa é certa. Nem o senhor dele, nem o nosso Senhor recomendariam tal trapaça. Foi justamente isso, em primeiro lugar, que o levou a ser demitido. Nenhuma pessoa correta poderia jamais aprovar tal embuste e infidelidade. Sejam quais forem os outros ensinamentos da parábola, ela não sugere nenhuma justificação do desfalque.

Há uma só coisa pela qual o administrador infiel podia ser recomendado: ele fez planos para o futuro. Deu passos para garantir que teria amigos depois de finda a sua administração. Agiu para “depois”, não para “agora”. Esse é o ponto focal da parábola.

Os mundanos agem vigorosamente para se proverem de meios para os dias futuros. O único futuro que os preocupa é a idade avançada, os anos da reforma. Assim, trabalham diligentemente para ficarem seguros de que terão uma situação

confortável quando não forem mais capazes de desempenhar uma ocupação remunerada. Não deixam pedra sobre pedra na sua busca por segurança social.

Neste sentido, os não-salvos são mais sábios do que os cristãos. Contudo, para compreender o porquê, precisamos de nos dar conta de que o futuro do cristão não está na terra, mas no céu. Este é o ponto crucial. O futuro do incrédulo é o tempo entre agora e o túmulo. O futuro do filho de Deus é a eternidade com Cristo.

A parábola ensina, então, que os não-regenerados são mais sábios e agressivos ao prepararem-se para o seu futuro na terra, do que os cristãos para o seu no céu. Nesta perspectiva, o Senhor Jesus apresenta a aplicação prática da lição: “E eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos” (Lucas 16:9).

As riquezas de origem iníqua consistem em dinheiro ou outras posses materiais. Podemos usar essas coisas para ganhar almas para Cristo. As pessoas ganhas por meio do fiel uso do dinheiro são chamadas aqui de “amigos”. Virá o dia em que faltaremos (ou morreremos, ou seremos levados por Cristo no arrebatamento). Nessa hora, os amigos ganhos pelo sábio uso das nossas possessões materiais servirão de comissão de boas-vindas para nos receber nas moradas eternas.

Esta é a maneira pela qual os mordomos sábios planeiam o futuro – não passando as suas breves vidas numa vã busca de segurança na terra, mas, sim, num apaixonado esforço de se verem rodeados no céu de amigos ganhos para Cristo por meio do seu dinheiro. Dinheiro convertido em Bíblias, Novos Testamentos, porções da Escritura, folhetos e outras formas de literatura cristã. Dinheiro usado no sustento de missionários e outros obreiros cristãos. Dinheiro que ajudou a financiar programas de rádio evangélicos e outras atividades cristãs. Em suma, dinheiro que foi utilizado para a propagação do Evangelho por todos os meios. “O único modo pelo qual podemos juntar tesouros no céu é coloca-los em algo que esteja a ir para o céu” (Autor Desconhecido).

Quando o cristão vê que os seus bens materiais podem ser empregados na salvação de almas preciosas, perde o amor por “coisas”. Luxo, riqueza e esplendor material azedam o seu estômago. Anela ver as riquezas da injustiça transformadas pela alquimia divina em adoradores do Cordeiro para sempre e sempre. Cativa-o a possibilidade de realizar nas vidas humanas uma obra que dará glória eterna a Deus e bênção eterna às pessoas.

Para o mordomo fiel, todos os diamantes, rubis e pérolas, todos os depósitos bancários, todas as políticas de segurança, todas as mansões, barcos de recreio e carros magníficos são simples riquezas da injustiça. Se forem usados para o “eu”, perecerão com o uso, mas se forem gastos para Cristo, renderão dividendos por toda a eternidade.

O modo como lidamos com as coisas materiais, a medida em que nos apegamos a elas, é um teste do nosso caráter. O Senhor salienta isto no versículo 10: “Quem é fiel

no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito” (Lucas 16:10).

Aqui a coisa bem pequenina é a mordomia das coisas materiais. Os fiéis – os que merecem confiança – são os que usam essas coisas para a glória de Deus e bênção dos seus semelhantes. Os injustos ou desonestos são os que usam as suas posses para conforto, vida luxuriosa e fruição egoística. Se não se pode confiar a um homem algo pequeno (coisas materiais), como se lhe pode confiar algo grande (a mordomia das coisas espirituais)? Se um homem é desonesto com as riquezas da iniquidade, como pode esperar ser fiel como ministro e como despenseiro dos mistérios de Deus (I Coríntios 4:1)?

Daí o Salvador impulsiona o argumento um passo mais: “Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?” (Lucas 16:11)

Os tesouros terrenos não são riquezas verdadeiras; o seu valor é finito e temporal. Os tesouros espirituais são riquezas de verdade; o seu valor não pode ser medido, e não terminará nunca. A menos que o homem seja digno de confiança na manipulação de coisas materiais, não pode esperar que Deus lhe confie prosperidade espiritual nesta vida ou tesouros no céu.

O Senhor amplia ainda o argumento, dizendo: “E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?” (Lucas 16:12)

As coisas materiais não são nossas; pertencem a Deus. Tudo o que possuímos é uma sagrada mordomia da parte de Deus. Tudo aquilo que se pode dizer que é nosso, são os frutos do nosso diligente estudo e serviço aqui, e as recompensas da mordomia fiel lá. Se não mostramos que merecemos confiança ao lidar com a propriedade de Deus, não podemos esperar penetrar nas profundas verdades da Palavra de Deus nesta vida, nem ser recompensados na vida porvir.

Com ênfase própria, o Senhor fez depois um sumário do ensino da parábola toda: “Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lucas 16:13).

Não pode haver lealdade dividida. O discípulo não pode viver para dois mundos. O mordomo ama ou a Deus, ou as riquezas. Se ama as riquezas, odeia a Deus. E, note-se bem, isto foi escrito para os discípulos, não para os não-salvos.

Um discípulo pode ser perdoado se não tem grande capacidade mental. Também pode ser perdoado se não exhibe proezas notáveis. Mas nenhum discípulo pode ser desculpado se não tem zelo. Se o seu coração não arde em abrasada paixão pelo Salvador, está condenado.

Afinal, os cristãos são seguidores daquele que disse: “O zelo da tua casa me devorou” (João 2:17). O Salvador deles consumiu-se de paixão por Deus e pelos seus interesses. Não há lugar no seu séquito para seguidores apáticos.

O Senhor Jesus viveu num estado de tensão espiritual. Indicam-no estas suas palavras: “Importa, porém, que seja batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!” (Lucas 12:50). E outra vez, pela sua memorável declaração: “Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (João 9:4).

O zelo de João Batista foi atestado pelo Senhor quando disse: “Ele era a candeia que ardia e alumia” (João 5:35). O apóstolo Paulo era zelote. Alguém tentou captar o ardor da sua vida no seguinte esboço:

“É um homem sem preocupação de fazer amigos, sem esperança ou desejo de bens terrenos, sem apreensão por perdas terrenas, sem preocupação com a vida, sem temor da morte.

É um homem livre de classe, país e condição. Homem de um só pensamento – o Evangelho de Cristo. Homem de um só propósito – a glória de Deus.

Louco, e contente por ser considerado louco por amor a Cristo. Que lhe chamem entusiasta, fanático, tagarela, ou qualquer outro grotesco título desclassificado que o mundo possa escolher para aplicar-lhe. Mas que seja um desclassificado. Tão logo lhe chamem comerciante, chefe de família, cidadão, rico, homem do mundo, douto, ou mesmo homem de bom senso, tudo isto passa por alto a sua personalidade.

Ele é obrigado a falar, se não, morre; e, ainda que morra, falará. Não tem descanso, mas apressa-se por terra e mar, por rochas e desertos ínvios. Brada em alto e bom som, sem se poupar, e nada o deterá. Nas prisões, eleva a voz, e nos temporais do oceano, não fica em silêncio. Perante concílios temíveis e reis coroados, dá testemunho em prol da verdade. Nada pode apagar a sua voz, exceto a morte, e mesmo ao se lhe executar a sentença de morte, antes que a faça lhe separe a cabeça do corpo, ele fala, ora, testifica, confessa, suplica, luta e, finalmente, abençoa os homens cruéis”.

Outros homens de Deus mostraram esse mesmo desejo ardente de agradar a Deus. C.T. Studd uma vez escreveu:

*Querem alguns viver dentro do som
Dos sinos da sua igreja
Que eu dirija uma agência de resgate
Mesmo num pátio do inferno*

E, casualmente, foi um artigo escrito por um ateu que estimulou Studd a entregar-se à plena dedicação a Cristo. Eis o artigo:

“Se eu acreditasse com firmeza, como dizem milhões que acreditam, que o conhecimento e a prática da religião nesta vida influenciam o destino na outra, a religião significaria tudo para mim. Eu deitaria fora os gozos da terra como se fossem refugio, consideraria as preocupações terrenas como loucuras e os pensamentos e sentimentos terrenos como vaidade. A religião seria o meu primeiro pensamento ao despertar e a última imagem na minha mente antes de dormir e afunda na inconsciência. Eu trabalharia somente por ela. Consideraria que ganhar uma alma para o céu vale uma vida de sofrimento.

Consequências terrenas nunca deteriam a minha mão, nem selariam os meus lábios. A terra, as suas alegrias e as suas penas não ocupariam um instante dos meus pensamentos. Lutaria para ter em consideração somente a eternidade e para levar as almas imortais que me rodeiam a serem eternamente felizes ou eternamente miseráveis. Eu sairia ao mundo para pregar-lhe a tempo e fora de tempo, e eis o texto que usaria: QUE APROVEITA AO HOMEM GANHAR O MUNDO INTEIRO E PERDER A SUA ALMA?”

John Wesley foi um homem de zelo. Ele disse: “Dê-me cem homens que amem a Deus de todo o coração e não temam nada, exceto o pecado, e abalarei o mundo”.

Jim Elliot, mártir no Equador, foi um archote flamejante por Jesus Cristo. Um dia, quando meditava nas palavras: “ (...) [aquele que] faz dos seus (...) ministros labareda de fogo” (Hebreus 1:7), escreveu no seu diário:

“Sou inflamável? Deus me livre do horrível asbesto das ‘outras coisas’. Sature-me ele com o azeite do Espírito para que eu seja uma chama viva. Mas a chama é transitória, frequentemente dura pouco. Podes tolerar isto, oh minha alma – podes tolerar uma vida curta? Em mim habita o Espírito do Grande ‘Vida-Curta’, cujo zelo pela casa de Deus o consumiu. ‘Faz-me a tua lenha, Fogo de Deus’”.

O último verso é citação de um fervoroso poema de Amy Carmichael. Não surpreende que Jim Elliot tenha derivado dele inspiração:

*Da oração que pede, oh Senhor, que eu seja
Guardado dos ventos que em Ti se esbatem
De ter medo quando aspirar deveras
De vacilar quando devo ir ao alto
De ser eu de seda, oh Capitão, livra
Este teu soldado que quer seguir-Te*

*Do subtil amor às coisas macias
Das escolhas fáceis, debilitantes
Pois não são assim os espíritos fortes
Tão-pouco assim foi o Crucificado*

*De tudo o que sombreia o seu Calvário
Oh, Santo Cordeiro de Deus, liberta-me*

*Dá-me o amor que pela senda conduz
Dá-me a fé que nada pode aterrar
A esperança invicta aos desenganos
A paixão que queime como arde o fogo
Não deixes que eu desapareça no pó do chão
Faz-me a tua lenha, Fogo de Deus*

A desgraça da igreja do século vinte⁵ é que se vê mais zelo entre os comunistas e seguidores de seitas fanáticas do que entre os cristãos.

Em 1903, um homem com 17 seguidores começou o seu ataque ao mundo. O seu nome era Lenine. Por volta de 1918, o número tinha aumentado para 40 mil e, com esses 40 mil, ele conseguiu o domínio sobre 160 milhões de pessoas na Rússia. O movimento prosseguiu e agora domina um terço da população mundial. Por mais que nos oponhamos aos seus princípios, não podemos deixar de lhes admirar o zelo.

Muitos cristãos sentiram-se repreendidos quando Billy Graham leu pela primeira vez a seguinte carta, escrita por um estudante universitário americano, que se convertera ao comunismo no México. O propósito da carta era explicar à sua noiva porque era necessário terminar o compromisso:

“Nós, comunistas, temos altos índices de baixas. Somos dos que são alvejados, enforcados, linchados, despachados dos empregos e, por todos os outros meios, dão-nos tanto desconforto quanto possível. Certa percentagem de nós é morta ou aprisionada. Vivemos praticamente na pobreza. Devolvemos ao partido cada centavo além do absolutamente necessário para nos mantermos vivos.

Nós, comunistas, não temos tempo para muitos cinemas, concertos, lutas refeições, ou casas decentes e carros novos. Temos sido descritos como fanáticos. Somos fanáticos. As nossas vidas são dominadas por um grande fator que tudo eclipsa: a luta pelo comunismo mundial.

Nós, comunistas, temos uma filosofia de vida que nenhuma soma de dinheiro poderia comprar. Temos uma causa pela qual lutar, um propósito definido na vida. Subordinamos o nosso pequenino ‘eu’ individual a um grande movimento da humanidade; e, se a nossa vida pessoal parece dura, ou se o nosso ego parece sofrer com a subordinação ao partido, temos adequada recompensa no pensamento de que cada um de nós, a seu modesto modo, está a contribuir para algo novo, real e melhor para a espécie humana.

Há uma coisa na qual estou empenhado com intenso zelo, e essa coisa é a causa comunista. É a minha vida, o meu negócio, a minha religião, a minha distração, a minha namorada, a minha esposa, a minha amante, o meu pão, a minha comida. Trabalho por essa causa o dia inteiro, e de noite sonho com ela. A sua posse sobre mim cresce; não diminui com o passar do tempo. Portanto, não posso dar continuidade a uma amizade, a um caso amoroso, ou sequer a uma conversação, sem ligar isso a

⁵ Escrito em 1963 – nota do editor.

esta força que, ao mesmo tempo, empurra e guia a minha vida. Avalio as pessoas, os livros, as ideias e as ações segundo a forma como afetam a causa comunista e pela sua atitude para com ela. Já estive na prisão por causa das minhas ideias e, se necessário, estou pronto para enfrentar o pelotão de fuzilamento.”

Se os comunistas podem ser tão dedicados assim à sua causa, quanto mais os cristãos deveriam derramar-se em amorosa e feliz devoção em prol do seu glorioso Senhor. Seguramente, se o Senhor Jesus merece algo, é tudo. “Se a fé cristã é digna de alguma confiança, é digna de confiança depositada heroicamente” (Findlay).

“Se Deus realmente fez alguma coisa em Cristo, do qual depende a salvação do mundo, e se ele a tornou conhecida, o dever do cristão é não tolerar nada que a ignore, negue ou ponha de lado” (James Denney).

Deus quer homens que se transfiram totalmente para debaixo do domínio do Espírito Santo. Estes parecerão ébrios aos outros, mas os que os conhecem melhor perceberão que são movidos por uma profunda, enorme, obsessiva e insaciável sede de Deus.

Tomara que todo o candidato a discípulo capte no coração a necessidade de zelo na sua vida. Tomara que aspire a preencher a descrição feita pelo bispo Ryle:

“O homem zeloso na religião é preeminentemente homem de uma só coisa. Não basta dizer que é ativo, animado, inflexível, perseverante até ao fim, dedicado, fervoroso de espírito. Ele só vê uma coisa, cuida de uma coisa só, vive por uma só coisa, está absorvido numa só coisa: agradar a Deus. Viva ou morra – na saúde ou na doença – na riqueza ou na pobreza – agrade ou ofenda os homens – seja considerado sábio ou louco – receba censura ou louvor – receba honra ou vergonha – com tudo isso o homem zeloso não se preocupa de todo. Arde por uma coisa somente: agradar a Deus e promover a glória de Deus. Consumindo-se no seu zelo inflamado, não se preocupa com isso – alegra-se.

Sabe que, como uma lâmpada, foi feito para arder; e, se se consumir ardendo, não fez senão a obra para a qual Deus o designou. Um homem assim, sempre encontrará uma esfera de ação para o seu zelo. Se não puder pregar, trabalhar e dar dinheiro, chorará, suspirará e orará. Sim, se for um pobre doente, sempre preso ao leito de enfermidade, fará girar pesadamente as rodas do pecado ao seu redor, continuamente intercedendo contra ele. Se não puder lutar no vale com Josué, fará o trabalho de Moisés, Arão e Hur no alto do outeiro (Êxodo 17:9-13). Se lhe cortam o apoio para trabalhar, não dará descanso ao Senhor, até que noutra parte se levante o socorro, e a obra seja realizada. É isso que quero dizer quando falo em ‘zelo’ na religião.”⁶

⁶ RYLE, John Charles. *Practical Religion*. London: James Clarke, 1959.

Não pode existir discipulado verdadeiro sem profunda e inquestionável fé no Deus vivo. Todo aquele que quiser fazer proezas para Deus, primeiro precisa confiar nele implicitamente. “Todos os gigantes de Deus eram homens fracos que fizeram grandes coisas para Deus, porque contavam com a companhia de Deus” (Hudson Taylor).

A verdadeira fé baseia-se sempre numa promessa de Deus, numa porção da sua Palavra. Isto é importante. Primeiro o crente lê ou ouve alguma promessa do Senhor. O Espírito Santo toma a promessa e aplica-a ao seu coração e à sua consciência de forma muito pessoal. O cristão fica ciente de que Deus lhe falou diretamente. Com inteira confiança na fidedignidade daquele que prometeu, toma por certa a promessa, como se já se tivesse cumprido, embora, humanamente falando, seja impossível.

Ou talvez seja um mandamento, em vez de uma promessa. Para a fé não faz diferença. Se Deus manda, ele capacita. Se manda Pedro andar sobre as águas, Pedro pode estar certo de que lhe será dado o poder necessário (Mateus 14:28). Se nos manda pregar o Evangelho a toda a criatura, podemos estar seguros da graça necessária (Marcos 16:15).

A fé não opera nos domínios do possível. Não há glória para Deus naquilo que é humanamente possível. A fé começa onde o poder do homem termina. “A região da fé começa onde cessam as probabilidades e falham a vista e os demais sentidos” (George Muller). A fé diz: “Se ‘impossível’ é a única objeção, pode ser feito!”

“A fé introduz Deus em cena, e, portanto, ignora totalmente as dificuldades – de facto, ri-se das impossibilidades. Segundo o juízo da fé, Deus é a grande resposta a toda e qualquer questão – a grande solução de toda e qualquer dificuldade. Ela remete tudo a ele. A partir daí, não importa minimamente à fé se são necessários 600 mil dólares ou 600 milhões; ela sabe que Deus é completamente suficiente. Encontra nele todos os seus recursos. A incredulidade diz: ‘Como podem ser isto ou aquilo?’ Está cheia de perguntas ‘como?’; mas a fé tem uma grande resposta para dez mil indagações ‘como?’ – e essa resposta é Deus” (C. H. Mackintosh).

Humanamente falando, era impossível que Abraão e Sara tivessem um filho. Mas Deus tinha prometido e, para Abraão, havia uma única impossibilidade: que Deus pudesse mentir.

“O qual, em esperança, creu contra a esperança, tanto que ele tornou-se pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência. E não enfraquecendo na fé, não atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara. E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus, e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer” (Romanos 4:18-21).

O nosso Deus é o Deus especializado em impossibilidades (Lucas 1:37). Não há nada que lhe seja demasiadamente difícil (Gênesis 18:14). “As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus” (Lucas 18:27).

A fé reivindica a promessa de Deus: “tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23), e exulta com Paulo: “posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13).

A dúvida vê os obstáculos – A fé vê o caminho

A dúvida vê a noite escura – A fé vê o dia

A dúvida teme dar um passo – A fé voa alto

A dúvida indaga: “Quem crê?” – A fé responde: “Eu!”

Visto que a fé lida com o sobrenatural e com o divino, nem sempre parece “razoável”. Não era usando o “bom senso” que Abraão iria sair sem saber para onde ir, mas simplesmente obedecendo à ordem de Deus (Hebreus 11:8). Não foi “astúcia” de Josué atacar Jericó sem usar logo armas mortíferas (Josué 6:1-20). Os homens do mundo zombariam de tal “insanidade”. Mas funcionou!

Na verdade, a fé é extremamente razoável. O que há de mais razoável do que a criatura confiar no seu Criador? É insano crer naquele que não mente, não falha nem erra? Confiar em Deus é a coisa mais sensata, normal, racional que o homem pode fazer. Não é um salto no escuro. A fé exige a mais segura prova e encontra-a na infalível Palavra de Deus. Ninguém jamais confiou nele em vão; ninguém jamais o fará. A fé no Senhor não envolve risco de espécie alguma.

A fé verdadeiramente glorifica a Deus; dá-lhe o seu lugar próprio, como aquele que é completamente digno de confiança. Por outro lado, a incredulidade desonra a Deus; acusa-o de mentiroso (I João 5:10), limita o Santo de Israel (Salmos 78:41).

A fé dá também ao homem o seu lugar próprio – como humilde suplicante, inclinado ao pó diante do soberano Senhor de tudo.

A fé é oposta ao que se vê. Paulo lembra-nos que andamos por fé, e não pelo que vemos (II Coríntios 5:7). Andar pelo que se vê significa ter meios visíveis de sustento, ter adequadas reservas para o futuro, empregar a inteligência humana para garantir segurança contra riscos que não se veem. O andar por fé é exatamente o oposto; é confiança apenas em Deus, momento após momento. É uma perpétua crise de dependência do Senhor.

A carne quer afastar-se da posição de completa dependência de um Deus invisível. Procura prover-se de uma almofada que abrande possíveis perdas. Se não consegue ver para onde vai, está sujeita a sofrer um completo colapso nervoso. Mas a fé vai para a frente, em obediência à Palavra de Deus, eleva-se acima das circunstâncias e confia no Senhor para o suprimento das suas necessidades.

Qualquer discípulo que esteja determinado a andar por fé pode estar certo de que a sua fé será provada. Mais cedo ou mais tarde, será levado ao término dos seus recursos humanos.

A atitude normal de um discípulo é desejar o aumento da sua fé (Lucas 17:5). Já pôs a sua confiança em Cristo para a salvação, agora procura ampliar as áreas da sua vida submissas ao domínio do Senhor. Quando enfrenta doença, provocações, tragédias, privações, passa a conhecer a Deus de uma forma nova e mais íntima, e a sua fé é fortalecida. Experimenta a veracidade da promessa: “Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor” (Oseias 6:3). Quanto mais acha que Deus é digno de confiança, mais ávido fica por confiar nele para coisas maiores.

Uma vez que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus, o desejo do discípulo deve ser impregnar-se das Escrituras – lê-las, estudá-las, memorizá-las, meditar nelas dia e noite. São o seu mapa e a sua bússola, o seu guia e consolo, a sua lâmpada e a sua luz.

Na vida de fé há sempre lugar para progresso. Quando lemos sobre o que tem sido realizado pela fé, vemos que somos como crianças a brincar à beira de um oceano imenso. As proezas da fé são-nos dadas em Hebreus 11. Sobem num magnífico crescendo, nos versículos 32-40:

“E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideão, e de Baraque, e de Sansão, e de Jefté, e de Davi, e de Samuel e dos profetas, os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos. As mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos; uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; e outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra. E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados” (Hebreus 11:32-40).

Uma palavra final! Já mencionamos que o discípulo que anda por fé será, sem dúvida, considerado sonhador ou fanático pelos homens do mundo, ou até por outros cristãos. Mas é bom lembrar que “a fé que capacita uma pessoa a andar com Deus, capacita-a também a atribuir os valores certos aos pensamentos dos homens” (C. H. Mackintosh).

ORAÇÃO

O único livro completamente satisfatório que já se escreveu sobre o tema da oração foi a Bíblia. Todos os outros trabalhos deixam-nos com a impressão de que há profundidades não atingidas e alturas não escaladas. Neste opúsculo não podemos esperar aperfeiçoar os esforços de outros. Tudo o que podemos fazer é resumir alguns dos importantes princípios da oração, principalmente quanto à relação que tem com o assunto do discipulado cristão.

1. A melhor oração vem de uma poderosa necessidade interior.

Todos temos experimentado que isto é verdade. Quando as nossas vidas são serenas e plácidas, as nossas orações tendem a ser insípidas e indiferentes. Quando enfrentamos uma crise, um momento de perigo, uma doença grave, uma dura privação, as nossas orações são fervorosas e vitais. Alguém disse que “a flecha que há de entrar no céu tem de ser lançada a partir de um arco bem curvado”. Um senso de urgência, de debilidade, de necessidade consciente, constitui a semente da qual nascem as melhores orações.

Infelizmente, passamos a maior parte da vida a tentar pôr panos quentes nas nossas necessidades. Pelo uso de inteligentes métodos comerciais, providenciamos cómodas reservas para nos defendermos de todas as contingências imagináveis. Mediante pura inteligência humana, alcançamos o ponto em que somos ricos e donos de crescentes bens, não tendo necessidade de nada. Aí, indagamos porque a nossa vida de oração é rasa e sem vida, e porque não cai nenhum fogo do céu. Se realmente andássemos pela fé, e não pelo que vemos, a nossa vida de oração seria revolucionada.

2. Uma das condições da oração vitoriosa é que precisamos aproximar-nos “com sincero coração” (Hebreus 10:22).

Isto significa que precisamos ser genuínos e sinceros perante o Senhor. Não pode haver hipocrisia. Se preenchermos esta condição, nunca pediremos a Deus que faça alguma coisa que está ao nosso alcance fazer. Nunca lhe pediremos, por exemplo, que levante uma dada quantia para um projeto cristão, se nós mesmos temos recursos excedentes que poderiam ser empregados dessa forma. De Deus não se zomba. Ele não responde às orações se já nos deu a resposta, e não estamos a querer usá-la.

No mesmo contexto, não devemos orar pedindo a Deus que mande outros com a sua mensagem, se nós não estamos dispostos a ir. Milhares de orações têm sido feitas em favor de maometanos, hindus e budistas. Mas, se todos os que oram estivessem dispostos a ser usados pelo Senhor para alcançar aqueles povos, talvez a história das missões cristãs fosse mais animadora.

3. A oração deve ser simples, confiante e sem levantar dúvidas.

É bem possível ficar-se absorvido em problemas teológicos relacionados com a oração. Isto só serve para debilitar os sentidos espirituais. É melhor orar do que resolver

todos os mistérios ligados à oração. Que os doutores em teologia desenvolvam as suas teorias sobre a oração. Mas que o crente simples tome de assalto os portais do céu com a sua confiança infantil. Foi Agostinho que disse: “Os indoutos tomam o céu à força, e nós, com toda a nossa cultura, não subimos acima da carne e do sangue”.

*Eu não sei quais os métodos estranhos
Mas sei que Deus responde à oração
Não sei quando ele manda o seu recado
Que diz que a ardente prece foi ouvida
Sei que o recado chega, cedo ou tarde
Portanto, temos de orar e esperar
Não sei se aquela bênção procurada
Virá na exata forma que eu lhe dei
As minhas orações deixo só com Deus
A sua vontade é mais sábia do que a minha (Lola C. Henson)*

4. Para ter verdadeiro poder na oração, não retenha nada. Renda-se a Cristo. Dê-se por ele completamente. Deixe tudo para seguir a Cristo. O tipo de devoção que coroa Cristo como Senhor de todos é a que ele tem prazer em honrar.

5. Deus dá especial valor à oração quando ela nos custa alguma coisa. Os que se levantam bem cedo de manhã desfrutam de comunhão com aquele que igualmente se levantava cedo para receber do seu Pai instruções para o dia. De igual forma, os que estão com um zelo tão intenso que querem orar a noite inteira, gozam de um poder que não se pode negar na sua comunhão. A oração que não custa nada, nada vale; é um simples subproduto de um Cristianismo barato. Frequentemente o Novo Testamento relaciona a oração com o jejum. A abstinência de alimentos pode ser um útil auxílio nos exercícios espirituais. Do lado humano, propicia clareza, concentração e discernimento. Do ponto de vista divino, parece que o Senhor se inclina particularmente a responder à oração quando a colocamos antes do alimento necessário.

6. Evite orações egoístas. “Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites” (Tiago 4:3). A preocupação primária das nossas orações devem ser os interesses do Senhor. Primeiro devemos orar: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Depois podemos acrescentar: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (Mateus 6:10,11).

7. Devemos honrar a Deus com grandes petições, porque ele é um grande Deus.

*“Tenhamos fé que nos mova a esperar grandes coisas da parte de Deus.
Chegas a um Rei com as tuas orações
Traz contigo grandes petições*

Pois o seu amor e o seu poder são tais

Que nunca poderás pedir demais (John Newton)

Quão frequentemente temos agravado o Senhor esperando pouco dele. Ficamos contentes com triunfos tão limitados, com conquistas tão pobres, com tão fracas aspirações por coisas elevadas, que não imprimimos aos que nos cercam a ideia de que o nosso Deus é grande. Não o glorificamos aos olhos dos homens, que não o conhecem, mediante vidas que lhes chamem a atenção e lhes despertem curiosidade quanto ao poder que as sustenta. Com muita frequência não se tem dito de nós o que se disse do apóstolo: ‘eles glorificaram a Deus acerca de mim’” (E. W. Moore).

8. Na oração, primeiro precisamos certificar-nos de que estamos em harmonia com a vontade de Deus.

Em seguida devemos orar, crendo que ele ouvirá e responderá. “E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos” (I João 5:14,15).

Orar no nome do Senhor Jesus significa orar de acordo com a sua vontade. Quando oramos verdadeiramente no seu nome, é exatamente como se ele estivesse a fazer, em pessoa, o pedido a Deus, seu Pai.

“E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (João 14:13,14).

“E naquele dia nada me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar” (João 16:23).

“Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mateus 18:19,20).

“Pedir ‘no seu nome’ significa ele tomar-nos pela mão e levar-nos a orar; significa, permitam-me dizê-lo, ajoelhar-se ele ao nosso lado e deixar fluir os seus desejos através do nosso coração. É isso que significa ‘no seu nome’. O seu nome é o que ele é, a sua natureza, e, portanto, orar no nome de Cristo significa necessariamente orar de acordo com a sua bendita vontade. Podemos orar pelo mal no nome do Filho de Deus? As coisas pelas quais eu oro devem ser realmente uma expressão da sua natureza. Posso fazê-lo na oração? A oração deve exalar o poder do Espírito Santo, a mente de Cristo, os desejos de Cristo em nós e por nós. O Senhor ensina-nos diversas vezes a orar no seu nome. Não demos nem pensar em concluir uma oração sem as palavras: “no bendito nome do nosso Senhor”; e toda a súplica deve ser infiltrada e permeada pelo bendito nome de Jesus – tudo de acordo com esse nome de Jesus – tudo de acordo com esse nome” (Samuel Ridout).

⁷ Vd. Gálatas 1:24 – nota do editor.

9. Para a nossa vida de oração ser verdadeiramente eficaz, precisamos acertar as nossas contas com Deus.

Com isto queremos dizer que o pecado deve ser confessado e abandonado assim que tomemos consciência de que ele entrou na nossa vida. “Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá” (Salmos 66:18).

Temos de permanecer em Cristo. “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito” (João 15:7). A pessoa que permanece em Cristo fica tão perto dele que se enche de conhecimento da vontade do Senhor. Assim pode orar inteligentemente e assegurar-se das respostas. A vida de permanência em Cristo exige que obedeçamos aos seus mandamentos. “E qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à sua vista” (I João 3:22). Um estado de alma correto é necessário, para que as nossas orações sejam ouvidas e respondidas (I João 3:20).

10. Não devemos orar somente em certos períodos estabelecidos durante o dia. Devemos desenvolver a atitude de oração, de modo que contemplemos o Senhor quando estivermos a caminhar pela rua, a conduzir o automóvel, a trabalhar numa secretária ou a servir em casa. Neemias é um exemplo clássico desse tipo de oração espontânea (Neemias 2:4). É algo bom habitar no lugar secreto do Altíssimo (vd. Salmos 91:1), em vez de fazer visitas ocasionais.

11. Finalmente, as nossas orações devem ser específicas. Somente quando oramos sobre assuntos definidos é que podemos esperar respostas definidas.

A oração é um privilégio maravilhoso. Por este meio podemos, como disse Hudson Taylor, aprender a persuadir o homem por intermédio de Deus.

“Que ministérios temos em mãos, realizando milagres no maravilhoso reino da oração! Podemos levar o fulgor do sol a lugares frios e sombrios. Podemos acender a lâmpada da esperança no cárcere do desalento. Podemos soltar as cadeias dos braços e pernas do prisioneiro. Podemos levar pensamentos e esplendores do lar a regiões distantes. Podemos levar bebidas celestiais aos espiritualmente abatidos, mesmo que trabalhem distantes. Milagres em resposta à oração!” (J. H. Jowett).

A isto, um escritor chamado Wenham acrescenta o seu testemunho: “A pregação é um dom raro; a oração é um dom ainda mais raro. A pregação, como a espada, é uma arma que se usa de perto; os que estão longe não podem ser atingidos por ela. A oração, como o fuzil, tem um alcance mais longo e, em certas circunstâncias, é ainda mais eficiente”.

*Oh Senhor, que mudança em nós, uma hora breve
Passada na tua presença, por certo, há de fazer
Que fardos retirar do nosso coração*

*Que abrasado chão, como chuva refrescar
Ajoelhamos, e tudo parece baixar
Erguemo-nos, e tudo, perto ou longe
Se ergue no perfil do sol, bravio e claro
Ajoelhamos, quão fracos! Que poder ao erguer-nos!
Porque haveremos, pois, de cometer este erro
Ou outros, e não somos sempre vigorosos
E sempre estamos com excesso de cuidados
E sempre somos fracos, cheios de desânimo
E inquietos – quando está connosco a oração
E a alegria, a coragem e a força estão contigo? (Trench)*

GUERRA

Difícilmente alguém pode ler o Novo Testamento, mesmo ao acaso, sem perceber que a figura da luta guerreira é com frequência empregada para descrever o plano de Cristo na terra. O Cristianismo verdadeiro está muito longe do passatempo folclórico com que se distrai a cristandade moderna. Não se confunda Cristianismo com a desenfreada vida de luxo e de busca de prazer dos nossos dias. Pelo contrário, é uma luta mortal, um incessante conflito com as forças do inferno. Nenhum discípulo vale o que come, se não percebe que a batalha está em andamento e não há retorno.

Na guerra, é preciso haver unidade. Não é ocasião para “guerrinhas”, para ciúmes partidários, para lealdades divididas. Nenhuma casa divida contra si mesma pode subsistir. Portanto, os soldados de Cristo devem ser unidos. Para se chegar à unidade, vai-se pela humildade. Isto é ensinado claramente em Filipenses 2. É impossível ter contendas com um homem verdadeiramente humilde. Quando um não quer, dois não contendem. A contenda só vem pelo orgulho (vd. Provérbios 13:10). Onde não há orgulho, não há lugar para contenda.

A guerra exige austeridade e vida sacrificial. Nas guerras de alguma consequência, invariavelmente há um vasto sistema de racionamento. Já é tempo de os cristãos perceberem que estamos em guerra e que os gastos devem ser reduzidos ao mínimo, de modo que, dos nossos recursos, o máximo possível possa ser lançado à luta.

Não são muitos os que percebem isto com a clareza com que o viu um jovem discípulo chamado R. M. (nome omitido). Em 1960, foi presidente da turma de primeiro ano de uma escola cristã. Durante a vigência do seu cargo, foi proposto que se fizessem gastos para as habituais festas da turma, para roupas e presentes. Em vez de aprovar tais gastos, que não contribuíam diretamente para o progresso do Evangelho, R. M. renunciou ao seu posto de presidente. A seguinte carta foi distribuída aos seus colegas no dia em que foi anunciada a renúncia:

Caros colegas,

Desde que as questões da festa da turma, roupas e presentes foram trazidas perante a Direção, eu, como presidente da turma, tenho considerado a atitude cristã em relação a estas áreas.

Penso que deveríamos encontrar a nossa maior alegria em entregarmo-nos, bem como dar o nosso dinheiro e o nosso tempo, inteiramente a Cristo e pelos outros, vendo assim a realidade das suas palavras: “Quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”⁸.

Os cristãos gastarem o seu dinheiro e o seu tempo em coisas que não redundam em definido testemunho ao incrédulo ou na edificação dos filhos de Deus, parece

⁸ Vd. Mateus 16:25 – nota do editor.

incoerente com o facto de que 7000 pessoas morrem diariamente de fome, e de que mais de metade do mundo nunca ouviu falar da única Esperança do homem⁹.

Quanta glória mais poderíamos dar a Deus ajudando a propagar o Evangelho aos outros 60% do mundo que nunca ouviram falar de Jesus Cristo, ou mesmo a muitos lares da vizinhança, em vez de nos reunirmos numa camarilha, limitando a nossa liberalidade social aos que têm o mesmo espírito, e desperdiçando tempo e dinheiro para o nosso prazer.

Desde que tenho conhecimento das necessidades e oportunidades específicas em que se podem empregar recursos financeiros com grande proveito para a glória de Jesus Cristo e para socorrer o próximo aqui e no estrangeiro, é-me impossível permitir que as finanças da turma sejam gastas desnecessariamente connosco mesmos. Se eu fosse um daqueles que passam por tão grande necessidade, como sei de tantos que assim estão, eu queria que os que estivessem em condições de o fazer, fizessem tudo o que pudessem para suprir-me do Evangelho e às minhas necessidades materiais.

“E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também” (Lucas 6:31).

“Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” (I João 3:17).

Portanto, é com amor e oração, para que vejam o Senhor Jesus dando-se completamente (II Coríntios 8:9), que eu, por meio desta carta, vos submeto a minha renúncia à presidência da turma de 1963.

*O vosso conservo em Cristo,
R. M.*

A guerra exige sofrimento. Se os jovens de hoje em dia estão dispostos a dar a vida pelo seu país, quanto mais dispostos os cristãos deviam estar a dar a vida por Cristo e pelo Evangelho. A fé que não custa nada, nada vale. Se o Senhor Jesus significa algo para nós, deve significar tudo, e nenhuma consideração de segurança ou imunidade pessoal quanto ao sofrimento deveria dissuadir-nos do nosso serviço a ele.

Quando o apóstolo Paulo procurou defender o seu apostolado contra os ataques dos seus críticos mesquinhos, não acentuou a sua ascendência familiar, nem a sua educação, nem as suas realizações terrenas. Em vez disso, salientou os seus sofrimentos por amor do Senhor Jesus Cristo.

“São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes. Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos

⁹ Dados de 1963 – nota do editor.

na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas” (II Coríntios 11:23-28).

Lançando um nobre desafio ao filho Timóteo, exortou-o: “Tu pois, sofre as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo” (II Timóteo 2:3).

A guerra exige obediência implícita. O verdadeiro soldado segue as ordens do seu superior sem perguntas nem demora. É absurdo pensar que Cristo ficaria satisfeito com menos. Como Criador e Redentor, ele tem todo o direito de esperar que os que seguem à batalha obedecerão às suas ordens pronta e completamente.

A guerra exige habilidade no manejo das armas. As armas do cristão são a oração e a Palavra de Deus. Ele deve entregar-se à oração fervorosa, confiante e perseverante. Somente assim poderão ser derrubadas as fortalezas do inimigo. Também deve ser proficiente no manejo da Espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. O inimigo fará tudo o que puder com as suas manhas para persuadi-lo a desistir dessa espada. Lançará dúvidas sobre a inspiração das Escrituras. Apontará pretensas contradições. Apresentará argumentos contrários, da ciência, da filosofia e das tradições. Mas o soldado de Cristo tem de manter o terreno, provando a eficiência da sua arma, usando-a a tempo e fora de tempo.

As armas da guerra cristã parecem ridículas ao homem do mundo. O plano que se mostrou eficaz contra Jericó seria ridicularizado pelos chefes militares atuais. O insignificante exército de Gideão só evocaria o ridículo. E que dizer da funda de David, da aguilhada de Sangar e do desprezível exército de tolos empregados por Deus através dos séculos? A mente espiritual sabe que Deus não está do lado dos batalhões maiores, mas que, antes, lhe apraz tomar as coisas fracas, pobres e desprezíveis deste mundo, e glorificar-se por meio delas.

A guerra exige conhecimento do inimigo e da sua estratégia. Assim é na guerra cristã também. “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Efésios 6:12). Sabemos que “o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras” (II Coríntios 11:14,15). O soldado cristão treinado sabe que a mais cruel oposição não lhe virá do beerrão, nem do ladrão comum, nem da meretriz, mas, antes, de declarados ministros da religião. Foram os líderes religiosos que cravaram o Cristo de Deus na cruz. Foram líderes religiosos que perseguiram a igreja primitiva. Paulo enfrentou os ataques mais selvagens às mãos daqueles que se declaravam servos de Deus. Assim tem sido através dos anos. Os ministros de Satanás transformam-se em ministros da justiça. Usam a linguagem religiosa, usam

vestes religiosas e agem com piedade fingida, mas os seus corações estão cheios de ódio a Cristo e ao Evangelho.

A guerra exige que não haja desvios do objetivo. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer aquele que o arregimentou (vd. II Timóteo 2:4). O discípulo de Cristo aprende a não tolerar nada que se ponha entre a sua alma e a completa devoção ao Senhor Jesus Cristo. É rígido sem ser ofensivo, firme sem ser descortês. Mas tem uma paixão, e uma paixão apenas. Tudo o resto pode ser levado cativo.

A guerra exige coragem face ao perigo. “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes (...)” (Efésios 6:13,14). Tem-se dito muitas vezes que a armadura do soldado cristão em Efésios 6:13-18 nada provê para as costas e, portanto, nada provê para uma retirada. Retirada porquê? Se “somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou” (Romanos 8:37), se ninguém pode ter um sucesso contra nós porque Deus é por nós, se a vitória está assegurada antes mesmo de começar a luta – como podemos sequer pensar em retroceder?

DOMÍNIO DO MUNDO

Deus chamou-nos para dominar o mundo. Nunca teve a intenção de que nos acontecesse “nascer homem e morrer merceeiro”. O seu propósito não foi que passássemos a vida como “funcionários subalternos em empresas transitórias”.

Quando criou originalmente o homem, o Senhor deu-lhe domínio sobre a terra. Ele coroou-o de glória e honra, e pôs todas as coisas em sujeição debaixo dos seus pés. O homem foi revestido de dignidade e soberania – ligeiramente abaixo da dos anjos.

Quando pecou, Adão perdeu muitos dos direitos de domínio que tinha tido por decreto divino. Em vez de exercer mando indisputado, passou a exercer um governo instável sobre um reino incerto.

“No Evangelho há um certo sentido em que podemos reconquistar o domínio. Não se trata do controlo de cães raivosos ou cobras venenosas. Em vez disso, trata-se de reclamar os gentios como nossa herança e os confins da terra como nossa soberania moral e espiritual; amorosa conquista e domínio pelo fascinante esplendor de uma vida pura e santificada” (J. H. Jowett).

Na verdade, esta dignidade da vocação cristã é algo que Adão jamais conheceu. Somos participantes com Deus da redenção do mundo. “Para isto somos comissionados: para ungir os homens no nome do Senhor para a dignidade da realeza da vida, para a soberania sobre o ‘eu’, para o serviço do reino” (Dinsdale T. Young). A tragédia de muitas vidas hoje em dia é a falta de correta apreciação da nossa soberana vocação. Contentamo-nos em passar os nossos anos “pisando os subordinados” ou “achando-nos muito importantes em coisas insignificantes”. Arrastamo-nos, em vez de voarmos. Somos escravos, em vez de reis. Poucos têm a visão de reclamar as nações para Cristo.

Spurgeon foi uma exceção. Ele escreveu esta dinâmica mensagem ao filho:

“Eu não gostaria que, se fosses destinado por Deus para ser missionário, morresses milionário.

Não gostaria que, se fosses apto para ser missionário, estivesses cheio de vontade de ser rei.

O que são todos os reis, todos os nobres, todos os diademas juntos, comparados com a dignidade de ganhar as almas para Cristo; comparados com a especial honra de edificar para Cristo, não sobre alicerces de outro homem, mas pregando o Evangelho de Cristo nas regiões remotas?”

Outra exceção foi John Mott, bem conhecido missionário e estadista. Quando o presidente Coolidge lhe pediu que servisse como embaixador no Japão, Mott respondeu: “Senhor presidente, desde que Deus me chamou para ser seu embaixador, os meus ouvidos ficaram surdos para todos os outros apelos”.

Billy Graham fala de uma terceira exceção:

“Quando a Standard Oil Company estava à procura de um homem para o Extremo Oriente, escolheu um missionário para ser o seu representante. Ofereceu-lhe 10 mil dólares, e ele recusou; 25 mil, e recusou; 50 mil, e recusou. Ao lhe perguntarem: ‘O que há de errado?’, ele disse: ‘O vosso preço é bom, mas o trabalho é demasiado pequeno. Deus chamou-me para ser missionário’”.

A vocação cristã é a mais nobre de todas as vocações e, se nos apercebermos disto, as nossas vidas ganharão novas alturas. Não falaremos mais de nós como “chamados para ser” canalizador, ou médico ou dentista. Em vez disso, nós nos veremos como “chamados para ser” apóstolos – e todas essas outras coisas veremos como simples meios de vida. Ver-nos-emos chamados para pregar o Evangelho a toda a criatura, para fazer discípulos de todas as nações, para evangelizar o mundo. “Tarefa imensa!”, podem dizer. Sim, imensa – porém, não impossível. A enormidade da tarefa é indicada por esta visão gráfica do mundo em miniatura:

“Se na nossa imaginação pudéssemos comprimir a atual população do mundo – neste momento¹⁰ superior a três bilhões de pessoas – reduzindo-a a um grupo de mil pessoas, a viverem numa única cidade, poderia observar-se vividamente o seguinte quadro de contrastes:

- 60 pessoas representariam a população dos Estados Unidos; todos os restantes países seriam representados por 940 pessoas. Os 60 americanos teriam 35% do rendimento total da cidade.*
- 36 dos 60 americanos da cidade seriam membros da fé cristã. Na cidade toda, cerca de 290 seriam cristãos e 710 não. Pelo menos 80 pessoas da cidade seriam comunistas convictos e 370 estariam sob o domínio dos comunistas. Possivelmente 70 pessoas da cidade seriam protestantes.*
- Os 60 americanos teriam uma esperança média de vida de 70 anos; todos os outros 940 teriam uma média inferior a 40.*
- Os americanos possuiriam (per capita) 15,5 vezes mais o que possuiriam todos os restantes em média. Produziriam 16% do suprimento alimentar total da cidade, consumiriam 14,5% e guardariam a maior parte para uso futuro, conservando-o em dispendiosos equipamentos de armazenamento.*
- Quando nos lembramos de que a maioria dos 940 não-americanos da cidade estariam sempre com fome, e nunca saberiam bem quando teriam comida suficiente, a situação criada por essa disparidade no suprimento da alimentação e pela existência de amplas reservas fica mais que patente, particularmente tendo em vista o facto de que os americanos já consomem 72% acima do nível ótimo das exigências alimentares. De facto, poderiam economizar dinheiro dando o excesso de alimentos, por causa do custo do seu armazenamento, mas acham que é perigoso ‘um programa de distribuição alimentar que faz de miolos-moles, boas-vidas’.*
- Do suprimento total da cidade, os americanos teriam 12 vezes mais a energia*

¹⁰ Dados de 1963 – nota do editor.

elétrica de todos os restantes, 22 vezes o carvão, 21 vezes o petróleo, 50 vezes o aço e os artigos de abastecimento geral.

- *Os grupos de rendimento mais baixo entre os 60 americanos teriam melhor nível de vida do que grande parte dos restantes na cidade. A maioria das pessoas não-americanas da cidade seriam literalmente pobres, famintas, enfermas e ignorantes. Quase metade seria incapaz de ler e escrever. Mais de metade nunca teria ouvido falar de Cristo ou do seu propósito. Mas mais de metade estaria a ouvir falar sobre Karl Marx” (Harry Smith Leiper).*

Portanto, como poderá o mundo ser alcançado para Cristo com o Evangelho na nossa geração? Somente por homens e mulheres que amem a Deus de todo o coração e que amem o seu próximo como a si mesmos. Só a devoção e a dedicação que jorrem de um imorredouro amor é que hão de realizar a tarefa.

Os que são constrangidos pelo amor de Cristo não considerarão nenhum sacrifício grande demais para fazer por ele. Farão por amor a ele o que nunca fariam por lucro deste mundo. Não considerarão as suas vidas de grande preço. Gastarão e gastar-se-ão para que tão-somente seres humanos não pereçam por falta do Evangelho.

Se o motivo não for o amor, a causa estará perdida. Não haverá proveito nenhum. Nesse caso, o ministério torna-se nada mais do que “o metal que soa ou como o sino que tine” (I Coríntios 13:1). Mas quando a estrela polar é o amor, quando os homens avançam inflamados de devoção a Cristo, nenhum poder da terra pode deter o movimento progressivo do Evangelho.

Procure, então, retratar um grupo de discípulos completamente entregues a Jesus Cristo, movidos pelo amor de Cristo, cruzando terra e mar como arautos de uma gloriosa mensagem, apressando-se incansavelmente a novas áreas, vendo em cada vida que encontram uma alma por quem Cristo morreu, e ambicionando cada uma para que seja um adorador do Salvador por toda a eternidade.

Que método estes homens do outro mundo adotam para tornar Cristo conhecido? O Novo Testamento parece apresentar dois métodos principais para alcançar o mundo com o Evangelho: o primeiro é a proclamação pública; o segundo é discipular em particular. Quanto ao primeiro, era usualmente empregado pelo Senhor Jesus e pelos seus discípulos. Onde quer que o povo se reunisse, ali estava uma oportunidade para pregar as boas novas. Assim, vemos reuniões de evangelização nos mercados, nas prisões, nas sinagogas, nas praias e nas margens dos rios. A urgência e o caráter superlativo da mensagem tornavam inimaginável limitá-la aos lugares convencionais de reunião.

O segundo método de propagar a fé cristã é o da ação de discipular indivíduos em particular. Este foi o método usado pelo Senhor Jesus para treinar os doze. Ele chamou aquele pequeno grupo de homens para que pudessem estar com ele e para que ele pudesse enviá-los. Dia após dia, instruiu-os na verdade de Deus. Colocou diante deles a tarefa para a qual foram indicados. Advertiu-os pormenorizadamente dos perigos e dificuldades que encontrariam. Introduziu-os nos secretos conselhos de

Deus e fê-los participantes com ele do plano divino e glorioso, embora árduo. Depois, enviou-os como ovelhas ao meio dos lobos. Capacitados pelo Espírito Santo, lançaram-se à empreitada de falar ao mundo sobre um Salvador ressuscitado, ascenso e glorificado. A eficiência desse método vê-se no facto de que o grupo de discípulos, virou o mundo do avesso em prol do Senhor Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo não somente usou esse método, mas instou com Timóteo a que o fizesse também: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idóneos para também ensinarem os outros” (II Timóteo 2:2). O primeiro passo é a cuidadosa seleção de homens fiéis, feita após muita oração. O segundo é compartilhar com eles a visão gloriosa. O terceiro é enviar esses homens para fazerem outros discípulos (vd. Mateus 28:19).

Aos que cobiçam números e ambicionam enormes multidões, esse método parecerá lento e tedioso. Mas Deus sabe o que faz, e os seus métodos são os melhores. Uns poucos discípulos dedicados podem fazer mais pela causa de Deus do que um grande exército de religionários satisfeitos consigo mesmos.

Quando aqueles discípulos vão adiante em nome de Cristo, seguem certos princípios básicos que estão esboçados na Palavra de Deus. Primeiro, são prudentes como as serpentes e simplices como as pombas. Tomam dos recursos da divindade para a sabedoria no difícil caminho que devem trilhar. Ao mesmo tempo, são mansos e modestos nos contactos com os seus semelhantes. Ninguém precisa temer violência física da parte deles; os homens só terão que temer as suas orações e o seu testemunho inextinguível.

Esses discípulos mantêm-se livres da política deste mundo. Não se consideram chamados para batalhar contra qualquer forma de governo, e são leais a esse governo enquanto não exigir que comprometam o seu testemunho ou que neguem o seu Senhor. Aí, recusam-se a obedecer-lhe e submetem-se às consequências. Mas não conspiram contra um governo humano, nem se envolvem com táticas revolucionárias. Não disse o Senhor: “se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros empenhar-se-iam por mim” (vd. João 18:36)? São embaixadores de uma pátria celestial e, portanto, passam por este mundo como peregrinos e estrangeiros.

São absolutamente honestos em tudo o que fazem. Evitam subterfúgios de toda a espécie. O seu “sim” significa sim, e o seu “não” significa não. Negam-se a adotar a mentira popular de que o fim justifica os meios. Em nenhuma circunstância praticarão o mal para que advenha o bem. Cada um deles é uma consciência personificada que prefere morrer a pecar.

Outro princípio invariavelmente seguido por esses homens é que ancoram na igreja local o trabalho que realizam. Saem para a seara do mundo para ganhar convertidos à comunhão de Jesus, mas depois conduzem esses convertidos à comunhão de uma igreja local onde podem ser fortalecidos e edificados na sua santa fé. Os verdadeiros

discípulos compreendem que a igreja local é uma unidade de Deus na terra para a propagação da fé, e que a melhor obra, e mais duradoura, é a edificada segundo estas linhas.

Os discípulos têm a sabedoria de evitar alianças embaraçosas de toda a espécie. Negam-se firmemente a permitir que os seus movimentos sejam comandados por alguma organização humana. Recebem as suas ordens de marcha diretamente do quartel-general do céu. Isto não significa que eles agem sem a confiança e recomendação dos cristãos da sua igreja local. Pelo contrário, veem nessa recomendação uma confirmação do chamamento divino para o serviço. Mas insistem na necessidade de servir a Cristo em obediência à sua Palavra e à sua direção.

Finalmente, esses discípulos evitam publicidade. Procuram manter-se nos bastidores. O seu propósito é glorificar a Cristo e torná-lo conhecido. Não estão à procura de grandes coisas para si mesmos. Tão-pouco querem revelar a sua estratégia ao inimigo. Assim, trabalham sem ruído e sem ostentação, esquecidos do louvor e da crítica dos homens. Sabem que o céu será o melhor lugar, e o mais seguro, para verem os resultados do seu labor.

O DISCIPULADO E O CASAMENTO

“Porque há eunucos (...) que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o” (Mateus 19:12).

Uma das principais questões que todo o discípulo tem de encarar é se Deus o chamou para o casamento ou para o celibato. Este assunto é orientação inteiramente individual dada por Deus. Ninguém pode legislar para outro, e interferir numa esfera tão vital é perigoso.

O ensino geral da Palavra de Deus é que o casamento foi instituído por Deus para a raça humana, com vários propósitos em mente:

1. Foi ordenado para propiciar companheirismo e prazer: Deus viu que “não é bom que o homem esteja só” (Gênesis 2:18).
2. Foi destinado à procriação da raça. Isto é indicado pela ordem do Senhor: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Gênesis 1:28).
3. Foi programado para a preservação da pureza na família e na sociedade: “Por causa da fornicção, cada um tenha a sua própria mulher” (I Coríntios 7:2).

Não há nada na Palavra de Deus que sugira que o casamento é incompatível com uma vida de pureza, devoção e serviço a Cristo. Antes, é-nos feito lembrar que “venerado seja entre todos o matrimónio e o leito sem mácula” (Hebreus 13:4). O registo inspirado estabelece que “aquele que encontra uma esposa, acha o bem” (Provérbios 18:22). As palavras do Pregador muitas vezes podem ser aplicadas ao casamento: “melhor é serem dois do que um” (Eclesiastes 4:9), particularmente se os dois estiverem juntos no serviço do Senhor. A acrescida eficiência da ação unida é sugerida por Deuterónimo 32:30, onde um persegue mil, e dois fazem fugir dez mil. Todavia, apesar de o casamento ser a vontade de Deus para a raça humana em geral, não é, necessariamente, a sua vontade para todo o indivíduo. Apesar de poder ser considerado um direito inalienável, o discípulo do Senhor Jesus pode preferir abster-se desse direito com o objetivo de se entregar ao serviço de Cristo com menos interrupções.

O Senhor Jesus observou que no seu reino haveriam aqueles que se tornariam, por assim dizer, eunucos por amor a ele: “Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o” (Mateus 19:12).

Trata-se definitivamente de um voto voluntário que alguém toma, como resultado de dois fatores:

1. Senso de que Deus o dirige a não se casar.
2. Desejo de se entregar mais completamente à obra do Senhor sem as responsabilidades adicionais da vida familiar.

É preciso haver a convicção da vocação divina (vd. I Coríntios 7:7). Somente por este meio o discípulo pode ter certeza de que o Senhor lhe dará a necessária graça para a continência.

Em segundo lugar, é preciso ser voluntário. Onde o celibato for matéria de compulsão eclesiástica, o perigo de impureza e imoralidade é grande.

O apóstolo Paulo salientou o facto de que, muitas vezes, a pessoa não casada pode entregar-se mais completamente aos interesses do Rei: “O solteiro cuida das coisas do Senhor, em como há de agradar ao Senhor; mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher” (I Coríntios 7:32,33).

Por esse motivo, ele expressou o desejo de que os solteiros e viúvos permanecessem como ele, isto é, sem se casar (vd. I Coríntios 7:7,8).

Mesmo quanto aos que já eram casados, o apóstolo insistiu em que a brevidade da vida exigira que tudo fosse subordinado à grande tarefa de tornar Cristo conhecido:

“Isto, porém, vos digo, irmãos, que o tempo se abrevia; o que resta é que também os que têm mulheres sejam como se não as tivessem; e os que choram, como se não chorassem; e os que folgam, como se não folgassem; e os que compram, como se não possuíssem; e os que usam deste mundo, como se dele não abusassem, porque a aparência deste mundo passa” (I Coríntios 7:29-31).

Certamente não significa que o homem deve repudiar às suas responsabilidades domésticas, abandonar mulher e filhos, e, de repente, partir como missionário. Mas significa que não deve viver para os prazeres e satisfações da vida no lar. Não deve usar como desculpa a mulher e os filhos, para colocar Cristo em segundo lugar.

C. T. Studd temia que a sua noiva se ocupasse tanto dele que o Senhor Jesus não tivesse o primeiro lugar na vida dela. Para evitar isso, compôs uma quadra para ela recitar diariamente:

*Jesus, amo-Te
És para mim mais querido
Do que o meu Charlie
Jamais poderia ser*

Os comunistas aprenderam a subordinar as questões da família à grande tarefa de conquistar a humanidade para a sua causa. Gordon Arnold Lonsdale é um exemplo disso. Depois de ser capturado em Inglaterra como espião russo, em 1960, a polícia encontrou uma carta da sua esposa e uma resposta de seis páginas. Ela tinha escrito: “Como a vida é injusta. Compreendo perfeitamente que estás a trabalhar, e que este é o teu dever; que gostas do teu trabalho e que procuras fazer tudo muito conscientemente. Não obstante, o meu raciocínio é um pouco tacanho, ao estilo feminino, e sofro terrivelmente. Escreve-me como está o teu amor por mim, e talvez me sinta melhor”.

Lonsdale respondeu: “Tudo o que digo é que só tenho uma vida, e não é nada fácil. Tudo o que quero é olhar para a vida e não sentir vergonha ao olhar para trás. (...) Logo terei 39 anos; resta muito ainda?”¹¹

“O tempo se abrevia”, escreveu Paulo, “o que resta é que (...) os casados sejam como se não o fossem” (vd. I Coríntios 7:29). A tragédia é que, precipitado ou mal orientado, muitas vezes o casamento tem sido um instrumento do diabo para desviar um jovem discípulo do caminho da máxima utilidade para Cristo. Muitos aspirantes a pioneiros têm desistido da carreira do serviço exclusivo a ele no altar do casamento.

O casamento pode ser um duro inimigo do cumprimento da vontade de Cristo de que todos ouçam falar dele. “O casamento é uma dádiva de Deus. Mas, quando se torna uma barreira à vontade de Deus, é mal usado. Poderíamos mencionar muitos – tanto homens, como mulheres – que foram alvos de um chamado específico para campos de ação no exterior, e que nunca foram para lá porque pessoas ligadas a eles os retêm. Nada – nem mesmo a bênção da vida conjugal, dada por Deus – deve estorvar o propósito de Deus para a vida de alguém. Hoje, almas morrem sem Cristo porque entes queridos tomaram prioridade acima da vontade de Deus”.¹²

Talvez seja particularmente certo que, no caso de obreiros pioneiros, a vida celibatária seja preferível.

*“Os homens e mulheres de vanguarda podem precisar negar-se a si próprios até as necessidades da vida, para não dizer nada dos seus prazeres mais suaves, mas perfeitamente legítimos. O dever deles é suportar dureza, ser bons soldados, desembaraçados das coisas desta vida, atletas desenredados de todo e qualquer peso. (...) É uma vocação, um chamamento e uma ordenação para um serviço especial”.*¹³

Aos que ouvem e respondem a este chamado, é oferecida uma recompensa: “Em verdade vos digo que (...) todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna” (Mateus 19:28,29).

¹¹ Time Magazine. S.I., Fevereiro 1961

¹² GUSTAFSON, Wesley L. *Called but not going*. Chicago: IVCF Press, 1951.

¹³ CABLE, Mildred & FRENCH, Francesca. *Ambassadors for Christ*. Chicago: Moody Press, 1950.

CALCULANDO O PREÇO

O Senhor Jesus nunca tentou adular os homens levando-os a uma enganosa profissão de fé. Tão-pouco procurou um grande número de seguidores pregando uma mensagem popular.

Na verdade, quando as pessoas começavam a aglomerar-se após ele, costumava voltar-se para elas e peneirá-las, expondo os mais severos termos do discipulado. Numa dessas ocasiões, o nosso Senhor exortou aqueles que queriam segui-lo a que primeiro avaliassem o custo. Disse Ele:

“Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz” (Lucas 14:28-32)

Aqui, Jesus assemelha a vida cristã a um trabalho de construção e a uma guerra. É pura loucura começar a construir uma torre, disse ele, se não se está seguro de que se tem recursos suficientes para completá-la. De outra forma, a estrutura inacabada ficará como um monumento à falta de previsão.

Quanta verdade! Uma coisa é tomar uma decisão por Cristo na ardente emoção de uma reunião de evangelização em massa. Mas é inteiramente diferente negar-se a si mesmo, tomar a cruz diariamente e seguir a Cristo. Embora não custe nada tornar-se cristão, custa muito ser um cristão coerente, que percorre o caminho do sacrifício, da separação e do sofrimento por amor a Cristo. Uma coisa é começar bem a carreira cristã, mas é completamente diferente arrastar-se nela dia após dia, faça bom ou mau tempo, na prosperidade e na adversidade, na alegria e na tristeza.

Um mundo crítico está a observar. Por algum estranho instinto, percebe que a vida cristã merece tudo ou nada. Quando vê um cristão completo, pode fazer pouco, zombar e ridicularizar – contudo, interiormente, tem um profundo respeito pelo homem que temerariamente se abandona por Cristo. Mas quando vê um cristão desanimado, só lhe tem desprezo. Começa a escarnecer dele, dizendo “este homem começou a construir e não foi capaz de terminar. Fez um tremendo tumulto quando se converteu, mas agora está muito parecido connosco. Começou a toda a velocidade, mas agora vai como quem vai a passeio”. E, assim, diz o Salvador: “seria melhor se tivesse calculado o custo!”

A sua segunda ilustração refere-se a um rei prestes a declarar guerra a outro. Não seria sensato que ele fizesse cálculos para ver se com os seus dez mil soldados seria capaz de derrotar o exército inimigo, que conta com o dobro dos homens? Que

absurdo, se ele declarasse guerra primeiro, e depois reconsiderasse, quando os exércitos já estivessem a marchar um contra o outro! Só lhe restaria içar a bandeira branca e enviar uma comissão de rendição, que abjetamente se arrastasse no pó e humildemente suplicasse condições de paz!

Não é exagero comparar a vida cristã a uma guerra. Há inimigos ferozes – o mundo, a carne e o diabo. Há desânimo, derramamento de sangue e sofrimento. Há longas e fatigantes horas de vigília, e os anelantes suspiros pelo raiar do dia. Há lágrimas, labor e provações. Há um morrer diário. Todo aquele que se dispuser a seguir a Cristo deve lembrar-se do Getsemani, Gabatá e Gólgota. E, depois, deve calcular o preço. Trata-se de um compromisso absoluto com Cristo, ou de uma lamuriosa capitulação, com tudo o que consigo traz de desgraça e degradação.

Com estas duas ilustrações, o Senhor Jesus advertiu os seus ouvintes contra quaisquer decisões impulsivas de serem seus discípulos. O que ele podia oferecer era perseguição, tribulação e dor. Eles deviam calcular o custo primeiro! E qual é o custo? O versículo seguinte responde a essa pergunta: “Assim, pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33).

O preço é “tudo” – tudo o que o homem é e tem. Foi o que significou para o Salvador; não pode significar menos para aqueles que querem segui-lo. Se aquele que era rico além de toda a descrição, se fez voluntariamente pobre, quererão os seus discípulos ganhar a coroa por algum meio menos custoso?

Depois, o Senhor Jesus concluiu o seu discurso com esta adenda: “Bom é o sal; mas, se o sal degenerar, com que se há de salgar?” (Lucas 14:34).

Nos tempos bíblicos, o povo não tinha sal puro como o temos nas nossas mesas hoje em dia. O sal que usavam tinha várias impurezas, como areia. Era bastante possível que o sal perdesse o seu sabor peculiar; o resíduo ficava insípido e inútil. Não podia ser usado, nem como elemento de nutrição, nem como fertilizante. Às vezes era empregado para pavimentar um caminho. Assim, não prestava para nada “senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens” (Mateus 5:13).

A aplicação da ilustração é clara. O importante propósito da existência cristã é glorificar a Deus mediante uma vida completamente derramada por ele. O cristão pode perder o seu sabor ao juntar tesouros na terra, ao abastecer-se para sua comodidade e prazer, ao procurar construir um nome para si no mundo, ao prostituir a sua vida e os seus talentos com um mundo indigno.

Se o crente perde a meta central da existência, perde tudo. Não é útil; não serve nem de ornamento. Como o sal insípido, o seu destino é ser colocado sob os pés dos homens – através do seu escárnio, desprezo e zombaria.

As palavras finais são estas: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lucas 14:35). Muitas vezes, quando o nosso Senhor pronunciava algum dito pesado, acrescentava estas palavras. É como se soubesse que nem todos os homens o receberiam. Sabia

que alguns tentariam torcer as suas palavras, para cegar o gume agudo das suas cortantes exigências.

Mas ele sabia também que haveriam corações abertos, de jovens e adultos, que se inclinariam diante das suas reivindicações, acatando-as como dignas dele. Assim, deixou a porta aberta! “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lucas 14:35). Os que ouvem são os que calculam o preço e, todavia, dizem:

Estou a seguir a Jesus Cristo

Ainda que só, não desisto

Atrás de mim o mundo, à minha frente a cruz

Não volto atrás, não volto atrás

A SOMBRA DO MARTÍRIO

Quando o homem se compromete de verdade com Jesus Cristo, não lhe parece importante viver ou morrer. Tudo o que importa para ele é que o Senhor seja glorificado.

Quem lê *The Triumph of John and Betty Stam*¹⁴, vê uma nota repetida ao longo de todo o livro: “Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte” (Filipenses 1:20).

A mesma tonalidade se encontra nos escritos de Jim Elliot. Quando ainda estudava no *Wheaton College*, escreveu no seu diário: “Estou pronto para morrer pelos Aucas”. Noutra ocasião, escreveu: “Toma, oh Pai, a minha vida, sim, o meu sangue, se queres, e consome-a com o teu envolvente fogo. Não quero poupá-la, pois não é minha para que a poupe. Toma posse dela, Senhor, posse total. Esparge a minha vida como uma oblação pelo mundo. O sangue só tem valor quando corre diante do teu altar”.

Parece que muitos heróis de Deus chegaram a esse mesmo ponto na sua relação com Deus. Compreenderam que “se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto” (João 12:24). Dispuseram-se a ser aquele grão de trigo.

Esta atitude é exatamente aquela que o Senhor ensinou aos seus discípulos: “Qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará” (Lucas 9:24).

Quanto mais pensamos nisso, mais razoável parece. Em primeiro lugar, as nossas vidas não nos pertencem, de forma alguma. Pertencem àquele que nos avaliou, atribuindo-nos o preço do seu precioso sangue. Podemos apegar-nos egoisticamente àquilo que é de outro? C. T. Studd respondeu à pergunta, quanto a si próprio:

“Eu tinha conhecimento de que Jesus morreu por mim, mas nunca tinha entendido que, se ele morreu por mim, eu não me pertencia. Redenção significa comprar de volta; assim, se eu lhe pertencesse, ou sou um ladrão, e guardo comigo o que não é meu, ou, então, tenho de entregar tudo a Deus. Quando vi que Jesus Cristo morreu por mim, não me pareceu difícil renunciar a tudo por ele”.

Em segundo lugar, iremos todos morrer, de qualquer forma, se o Senhor não vier entretanto. Seria uma maior tragédia morrer a serviço do Rei, ou como simples acidente estatístico? Jim Elliot estava certo quando disse: “Não é louco aquele que dá o que não pode guardar, para ganhar aquilo que não pode perder”.

Em terceiro lugar, é incontestavelmente lógico que, se o Senhor Jesus morreu por nós, o mínimo que poderíamos fazer seria morrer por ele. Se o servo não está acima do seu senhor, que direito temos de ir para o céu mais confortavelmente do que o

¹⁴ TAYLOR, Geraldine G. *The Triumph of John & Betty Stam*. Chicago: Moody Press, 1935.

Senhor Jesus? Esta foi a consideração que impeliu Studd a dizer: “Se Jesus é Deus, e morreu por mim, nenhum sacrifício pode ser demasiado grande para eu fazer por ele”.

Finalmente, é crime agarrarmo-nos às nossas vidas quando, se as abandonássemos ousadamente, a bênção eterna poderia jorrar para os nossos semelhantes. Há homens que oferecem as suas vidas pelo interesse da investigação médica. Outros morrem para resgatar entes queridos de edifícios incendiados. Outros morrem em combate, para salvar o seu país de forças inimigas. O que valem para nós as vidas dos outros?

Não se requer de todos que entreguem a vida como mártires. O pelourinho, a lança, a guilhotina reservam-se para alguns poucos seletos, falando em termos relativos. Mas cada um de nós pode ter o espírito de mártir, o zelo do mártir, a devoção do mártir. Cada um de nós pode viver como aqueles que já entregaram as suas vidas a Cristo.

*Venha o mal, venha o bem
Venha a cruz, a coroa
O arco-íris ou o trovão
A minha alma e corpo deito
Para neles Deus arar*

AS RECOMPENSAS DO VERDADEIRO DISCIPULADO

A vida entregue ao Senhor Jesus tem a sua grande recompensa. Há uma alegria e prazer em seguir a Cristo, que é a vida no seu sentido mais verdadeiro.

O Salvador disse repetidamente: “Qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará” (Lucas 9:24). De facto, esta sua afirmação encontra-se nos quatro evangelhos, com mais frequência do que quase tudo o mais que ele disse (vd. Mateus 10:39, 16:25; Marcos 8:35; Lucas 9:24, 17:33; João 12:25). Por que será repetida tantas vezes? Não será porque expõe um dos princípios mais fundamentais da vida cristã – que a vida apegada a si própria é uma vida que se perde, mas que a vida derramada por Cristo é a vida que se encontra – a vida salva, desfrutada e conservada para a eternidade?

Ser um cristão indiferente só pode assegurar uma existência infeliz. Viver absolutamente por Cristo é o meio mais seguro de fruir o melhor dele.

Ser verdadeiro discípulo é ser escravo de Jesus Cristo e achar que servi-lo é liberdade perfeita. Há liberdade nos passos de todo aquele que pode dizer: “Amo o meu Senhor; não quero livrar-me dele”.

O discípulo não fica atolado em afazeres insignificantes ou coisas transitórias. Está interessado em assuntos eternos e, como Hudson Taylor, goza o luxo de ter poucas coisas com que se preocupar.

Pode ser desconhecido e, contudo, é bem conhecido. Embora morrendo constantemente, vive de modo persistente. É castigado, mas não morto. Mesmo na tristeza, regozija-se. Embora sendo pobre, enriquece a muitos. Nada possui e, contudo, possui todas as coisas (II Coríntios 6:9,10).

E, se se pode dizer que a vida do verdadeiro discipulado é a vida mais espiritualmente satisfatória neste mundo, pode-se dizer com igual certeza que será a mais recompensada no porvir. “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras” (Mateus 16:27).

Portanto, o homem realmente bem-aventurado, aqui e na eternidade, é aquele que pode dizer com Borden de Yale: “Senhor Jesus, retiro as mãos no que diz respeito à minha vida. Coloco-te no trono, no meu coração. Transforma-me, purifica-me, usa-me como quiseres”.

Senhor, dá-nos perdão e inspira-nos de novo;

Bane o nosso mundanismo, e ajuda-nos sempre

A viver tendo em vista os valores eternos (Lucy R. Meyer)